

ALERJ – 26/10/2001

**SESSÃO - EXTRAORDINÁRIA**  
**Vozes Do Pensamento Político Contemporâneo:**  
**"Globalização E Violência"**

**Texto**

O SR. PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Boa-tarde a todos. Antes da saudação do Deputado Carlos Minc, gostaria de relatar a vocês um pouco da história dos nossos dois conferencistas de hoje.

(Lendo)

"O Professor Darc Costa formou-se em engenharia pela PUC/RJ em 1970. É funcionário, admitido mediante concurso público, do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), onde foi chefe da consultoria técnica e superintendente. Tem mestrado em engenharia de produção pela PUC/RJ e o doutorado, também em engenharia de produção, pela COPPE/UFRJ. Está, no momento, exercendo o cargo de coordenador do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra (ESG), sendo, também, conferencista da Escola de Políticas Públicas e de Governo da UFRJ e de diversas outras entidades públicas e privadas. É consultor para planejamento de diversas instituições, membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra e conselheiro do Conselho Diretor do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES).

O professor Francisco Carlos Teixeira da Silva é titular de história contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É coordenador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da UFRJ, e coordenador de acervos e editoração científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). No ano de 2000, publicou o *Dicionário Crítico do Pensamento de Direita*, pela editora Mauad, e prepara o *Dicionário do Século XX – Conflitos e Revoluções*, para a editora Record."

(Conclui a leitura )

O Sr. Deputado Carlos Minc acaba de chegar à Mesa. Ele fará uma saudação aos conferencistas e, em seguida, daremos início à Conferência, começando pelo professor Darc Costa, depois passando a palavra ao professor Francisco Carlos Teixeira da Silva.

Um rápido aviso: durante a apresentação dos professores, vocês receberão folhas de papel onde poderão ser formuladas perguntas. Peço que procurem fazer perguntas objetivas e claras porque, segundo experiências anteriores dos nossos eventos, perguntas bastante elaboradas, porém longas, são difíceis de ser organizadas. Em geral, o número de perguntas é muito grande, mas o tempo é escasso.

Ressalto a presença da assessora da presidência da FEEMA, Sra. Josete Soares Medeiros; do Dr. Antônio Carlos Ariel, do TRE – 1ª Região; do Sr. Borus Perigueu, presidente da Construtora Martins de Almeida; do tenente-coronel Guaracir de Souza Macedo, representando o coronel da PM, comandante-geral, Welton Soares Ribeiro; do Dr. Antônio Cláudio Soares da Cunha, sargento da PM, 2º Batalhão do Rio de Janeiro; da Dra. Marta Rocha, delegada titular da Delegacia de Mulheres, representando o chefe de polícia, Dr. Álvaro Lins; e do Dr. Elias Pereira de Lucena, assessor do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro.

Obrigado.

Passo a palavra ao Sr. Deputado Carlos Minc.

O SR. CARLOS MINC – Obrigado, Professor Luís Fridman. Agradeço a presença de todos vocês e de nossos palestrantes convidados. Quero, antes, justificar esse meu pequeno atraso. Estou em uma outra audiência neste mesmo prédio. Estamos com o Secretário de Saúde, discutindo a questão da regulamentação da acupuntura. Temos uma lei que garante fornecimento da acupuntura nos hospitais públicos. Há a questão de como devem ser essas equipes, quem pode trabalhar, e há a discussão sobre a regulamentação da lei, que se arrasta há algum tempo e que foi marcada, à minha revelia, no mesmo horário desta conferência. Por sorte, é neste mesmo prédio, aqui no 3º andar. São cerca de 80 pessoas da área e a equipe da Secretaria Estadual de Saúde, inclusive o Secretário em exercício, que é o Dr. Roberto Chabo.

Então, esta é a razão pela qual estou aqui me dividindo entre duas coisas importantes.

Em relação a esse Ciclo de Conferências, "Vozes do Pensamento Político Contemporâneo", a idéia surgiu no início deste ano. O Parlamento é um dos espaços de poder de tomada de decisão, mas o nível do debate político, teórico, filosófico, infelizmente não é profundo; não é como deveria ser, e não é como nas academias. Nas academias as pessoas estão atualizadas, discutem, lêem, participam de colóquios, acessam a Internet, discutem as últimas novidades das teorias sobre a globalização, a mídia, a mobilidade de trabalhos e capitais, etc. E tomam poucas decisões.

Então, há uma dicotomia aí: onde se tomam decisões políticas há pouca informação. E onde há muita informação há, às vezes, uma distância. Então, essa idéia de fazer no espaço do Parlamento um ciclo para trazer a teoria política, a ciência política moderna, a discussão política de alto nível para a Assembléia foi proposta por nós, com o apoio do Professor Fridman e prontamente acatada pelo Deputado Sérgio Cabral – Presidente da Assembléia – que apresentou essa proposta à Mesa Diretora, que aprovou um programa anual e pode ser refeito por mais um ano.

Então este é o quinto Ciclo. No primeiro, tivemos o Professor Barros de Castro, que foi Presidente do BNDES, colega nosso da UFRJ – eu também sou professor da UFRJ. Tivemos um debate de altíssimo nível com o professor Wanderley Guilherme dos Santos e o historiador José Murilo de Carvalho. Tivemos um terceiro em que o tema da psicanálise encontrou a política com o Joel Birman e Chaim Samuel Katz, que foi também um debate muito interessante que junta a questão à violência, que não é só explicada pela pobreza e toda a análise contemporânea disso. E o último que tivemos, o mais recente, anterior a este, foi um tema também bastante sério sobre o qual este Parlamento se debruça e enfrenta, que são as conexões entre política e religião. E tivemos nesse a Regina Novaes e o Renato Janine Ribeiro, da USP, que veio também especialmente participar.

Então, neste quinto Ciclo, nós agradecemos a presença – o Luiz Fridman já falou deles – do Professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, Diretor do Programa de Estudos Estratégicos da Escola Superior da UFRJ, e o Professor Darc Costa, que é Coordenador do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra.

Então, na verdade, estamos vivendo um mundo hoje cuja globalização, integração e subordinação tem, entre outras conseqüências que é a própria questão da violência, a própria questão estratégica assume outras dimensões que o que nós estamos vendo todos os dias na televisão: fundamentalismos, guerra biológica, acordos e desacordos. Quer dizer, o jogo

geopolítico, produto, não só, mas também, destas formas de integração e internacionalização e globalização que são pouco conhecidas.

Então, tenho confiança de que teremos um debate de alto nível, instrutivo e um debate neste e noutros parlamentos, com a presença de estudantes, professores, pesquisadores, vários órgãos público, na representação do Comando da Polícia Militar e de outras áreas. Acho que é nosso dever, sim, discutir, estudar, pensar e refletir sobre o mundo moderno do ponto de vista dessas mudanças.

Feito isso, então, devolvo a palavra ao Professor Luiz Carlos Fridman, que é Coordenador desses ciclos, professor da UFF, meu companheiro e amigo de muitos anos, para passar aos nossos convidados e, imediatamente, dar início a esse 5º Ciclo de "Vozes do Pensamento Político Contemporâneo".

O SR. LUIZ CARLOS FRIDMAN – Obrigado, Sr. Deputado Carlos Minc. Passo imediatamente a palavra ao Professor Darc Costa, para fazer sua intervenção por volta de vinte minutos. Não teremos uma disciplina espartana em relação a isso. Por isso, esteja à vontade para desenvolver suas idéias.

Muito obrigado.

O SR. **DARC COSTA** – Minhas senhoras e meus senhores, boa-tarde.

Dou início apresentando meus agradecimentos aos organizadores deste evento pelo convite que me formularam, para vir aqui e discutir esse tema – "Globalização e Violência."

No nordeste do Brasil, onde está mais presente o medievo português, há dois ditados muito interessantes. Um diz o seguinte: "Nada pode mais atrapalhar uma boa idéia do que um mau pensamento". Mas dizem também: "Nada pode atrapalhar mais um fato do que a versão do fato ou seu discurso". Há um fato e há um discurso.

A mundialização, o fato, é algo que tem quinhentos anos. A mundialização deve ser entendida como a interação permanente de culturas e de mercados, que começa a acontecer quando Portugal, em seu projeto de descobrimentos, faz o reconhecimento da África, chega às Índias e propicia o descobrimento das Américas. Na verdade, antes, o processo que existia era uma interação intermitente, feita pela rota das sedas. Então, a mundialização é um processo que tem seu início há exatos quinhentos anos e é um fato. Vem ganhando passagem e é um processo que avança nos últimos quinhentos anos.

A globalização é um discurso recente, que começamos a escutar após a queda do muro e se apóia no pressuposto da exploração psicológica da força que emana da repetição continuada das palavras. A globalização, na verdade, é um discurso que retrata um fato e, como dizem, "nada pode mais atrapalhar um fato do que a versão do fato", a globalização, de certa forma, vem atrapalhando a mundialização.

Gostaria de falar um pouco sobre o fato, a mundialização, para, depois, fazer uma pequena digressão sobre as relações desse fato com a violência. Teremos uma fase de debates e, nesta fase, as questões conjunturais do momento estarão muito mais presentes. Então, tentarei fazer um digressão mais estrutural e fugir um pouco a uma visão puramente conjuntural. Na verdade, como havia dito, a interação permanente de culturas e mercados é algo que começa efetivamente a acontecer há exatamente quinhentos anos, com a descoberta, por Vasco da Gama, do caminho marítimo para as Índias. Este fato dá início à mundialização e permite o

que falsa e ideologicamente, hoje, denomina-se globalização. Assim, de novo, a mundialização é algo que resulta de um projeto concebido e implementado no pequeno Portugal, que transita do Medieval para o Renascimento. É a culminância de um processo que envolveu o reconhecimento da África, a descoberta da América e o permanente acesso à Ásia pelos europeus. Desde então, a mundialização é um processo permanente. Contudo, o discurso da globalização não retrata simplesmente o fato da mundialização, mas busca impor uma possível dominação dos mercados e das idéias. Para apoiar essa afirmação, analisaremos as duas vertentes centrais do estágio atual da mundialização, que são: no campo das idéias, a razoavelmente bem sucedida interação filosófica e a crescentemente frustrada tentativa de interação cultural; no espaço dos mercados, a dita globalização, que se desdobra, até a crise do início deste ano, na razoavelmente bem sucedida globalização financeira e na conturbada tentativa da chamada globalização econômica. Então, temos o campo dos mercados e o campo das idéias.

Vamos analisar, primeiramente, como essa interação filosófica, no campo da idéias, vem se dando e como o predomínio ocidental se fez. Desde que o homem existe se apresentou a necessidade de cooptar a natureza para continuar vivendo. Sem a cooptação da natureza o homem não conseguiria sobreviver e a forma primitiva, como ele executou essa cooptação, foi a interação física do seu corpo com a natureza - o que conhecemos como trabalho. Essa forma primitiva ainda está presente no mundo de hoje, mas a ela foram se associando outras formas de cooptação.

O Renascimento é um período em que uma outra forma de cooptação se apresenta, na medida em que o homem viu que era possível dar à natureza uma representação numérica razoavelmente satisfatória e, por meio dela, poderia também cooptar a natureza, ou seja, poderia fazer ciência, e fazendo ciência, poderia cooptar a natureza.

É relevante se entender que essa forma de cooptação - a ciência - de certa forma alterou muito o processo de mundialização, na medida em que a própria ciência se inseriu nesse processo como uma forma nova de estruturar processos, de ganhar espaços e de vencer, de certa forma, a idéia do tempo.

A ciência trouxe dentro de si uma mudança na forma do homem processar a natureza e essa mudança levou à industrialização, que progressivamente veio criando uma nova forma de mediação, de cooptação da natureza, que é a informação, ou seja, é o trabalho morto posto nas máquinas. Na verdade, essa forma de cooptação da natureza transforma tudo que se conhece em dígitos, zeros e alguns, textos, informações de comportamento de máquinas, sons, tudo isso transformado sob a forma de bit. Criou-se uma nova forma de estruturar o processo e de cooptar a natureza.

Hoje, estamos submetidos a três formas de mediação: o trabalho, a ciência e a informação. A informação e a ciência têm sido utilizadas cada vez mais para conduzir os processos de dominação. É fundamental esse entendimento porque, por trás do discurso da globalização, está todo um aparato de informação. Esse discurso de informação não vem vazio, vem num aparato de informação. Tudo isso é relevante porque, no processo, existe um outro caminho em marcha.

O surgimento da filosofia se deu quando o homem foi liberado por alguns instantes da sua necessidade de cooptar fisicamente a natureza. Na Grécia antiga, o homem conseguiu se libertar da interação física do seu corpo com a natureza durante alguns momentos e pôde pensar sobre sua própria existência. Ao pensar sobre sua existência, o homem fez a pergunta original. Qual é a origem das coisas? Até hoje não encontramos uma resposta; por isso

podemos continuar filosofando porque, no campo racional, a origem das coisas não tem uma resposta. Ela está posta no campo, não da razão mas, no campo do dogma. A maioria acha que a origem das coisas está posta no absoluto, e essa resposta resolve alguma questão, mas transfere a pergunta para uma outra que é fundamental. Mas quem representa nesse mundo em que vivemos esse absoluto? São os homens ou é a natureza? Essa questão dos homens e da natureza também se coloca perante nós. Depois da visão de Descartes, da possibilidade da cooptação da natureza pelo reconhecimento nela de uma expressão matemática, isso ficou ainda mais claro porque a evolução levou a que essa dualidade, que opunha o homem e a natureza na condução do processo, criasse uma outra mais elaborada, que era a idéia da ordem racional, criada pelos homens, versus a chamada lei natural, posta na visão do absoluto ou na visão da natureza, hoje posta na idéia dos mercados. Quer dizer, dentro dessa dualidade primitiva homem-natureza houve uma mais elaborada que é a ordem racional versus a lei natural, que hoje, se transmutou na idéia da visão individual, da vontade individual se contrapondo à idéia da vontade coletiva.

Essa questão é muito importante para se entender porque, por traz do discurso da globalização, está a prevalência de uma idéia que a natureza conduz os processos. Os mercados levam tudo e uma outra coisa, que é muito importante - a vontade coletiva não deve se colocar acima da vontade individual. E aí está uma das causas centrais do processo de violência no mundo moderno, ou seja, admitir que a idéia individual suplanta a própria idéia da vontade coletiva. Isso é muito importante porque, de certa forma, se apresenta, mas o que é importante é eu voltar a falar como a interação filosófica e a visão ocidental da filosofia ganham o mundo, quer dizer, quando se coloca a idéia da ordem racional, a ciência passa a ser uma coisa profundamente estudada na filosofia, aparece Kant e, de certa forma, opõe-se a essa idéia da prevalência da ciência em todos os processos nos seus dois grandes trabalhos - a Crítica da Razão Pura e a Crítica da Razão Prática. Quando ele diz não ser possível ao homem fazer ciência, na medida em que ele não consegue chegar na essência do fenômeno, está afastado da essência do fenômeno e essa visão explica a impossibilidade humana na condução dos processos. De certa forma, ele recupera a idéia da natureza conduzindo o processo, dizendo que há uma impossibilidade humana posta na idéia de fazer da ciência. Mas, efetivamente, penso que o futuro sistema filosófico ocidental, de forma que ele adquire totalmente o predomínio no mundo hodierno, sem dúvida, é Hegel que, olhando Kant, diz: "É preciso olhar as coisas de outra forma." Na verdade, tudo que o Kant faz está apoiado na visão da lógica aristotélica, de uma lógica estática. É necessário olhar o processo de outra forma, olhá-lo da forma em que tudo tem uma dinâmica, em que há uma permanente dialética, uma permanente tensão. Esse está em permanente choque até que há um momento em que ocorre uma ruptura, que é uma síntese, nada mais que uma tese, que vai procurar a sua antítese e uma permanente dinâmica em todos os processos.

E ao fazer isso, ao montar este sistema filosófico que é amplo e completo, de certa forma, Hegel leva o predomínio da idéia ocidental a todo mundo, seja pelos três ramos centrais que seguem a visão hegeliana, seja pela própria visão positivista, todas de certa forma constroem um processo em que a civilização ocidental hoje, sem dúvida alguma, tem na filosofia a sua grande forma na mundialização.

Quanto à questão cultural, é fácil entender por que esse processo cultural não tem avançado, na medida em que se faz uma pressão enorme, no sentido de se impor uma cultura que não é a ocidental; é a cultura anglo-saxônica ao mundo. Isso traz dentro de si, em especial, espaços avessos ao tipo de visão anglo-saxônica, uma volta às raízes, o que é considerado um fundamentalismo. Na verdade, a volta às raízes é algo da própria existência humana; se assim não fosse os próprios anglo-saxões não poderiam explicar a sua própria existência porque, na verdade, o que os levou a determinadas posições foi uma volta às raízes, as próprias raízes do

pensamento judaico, contestando se a penetração greco-romana no pensamento ocidental vinda do Renascimento. Quer dizer, a idéia do Protestantismo é uma idéia de volta às origens, ao Evangelho e renegar o pensamento greco-romano, que estava se inserindo no pensamento do Cristianismo em decorrência do Renascimento. O Renascimento trouxe, dentro de si, toda a visão greco-romana de mundo, o que se inseriu muito na Igreja.

Não é só a questão das indulgências. O protestantismo tem uma origem muito mais profunda, que é o fato de que havia uma reação profunda à repenetração greco-romana no pensamento da Igreja Católica. Essa mediação é decorrente do fato de que a Igreja sofreu vários percalços no mundo moderno, a começar pelo protestantismo, depois da própria contra-reforma e depois da laicização do mundo, que é uma coisa razoavelmente recente.

Mas é importante entender que o pensamento hoje é prevalente e, culturalmente, o Ocidente não consegue se impor, porque o seu vetor principal, que é o anglo-saxão, é um vetor intolerante, é um vetor que não aceita o outro, que não entende a alteridade. Essa é uma coisa importante de ser dita, porque pode parecer que estou fazendo um discurso anti-anglo-saxão. Não tem nada a ver. Estou fazendo um discurso dizendo que eles têm, dentro das suas características culturais, a idéia da unicidade e da prevalência. Quando isso se insere dentro de um contexto, é a idéia da alteridade mal posta, ou seja, o outro não é igual a mim e o outro é inferior a mim. Isso é uma coisa muito complexa de se lidar e de levar a mundialização sob esse tipo de visão.

Bom, há um outro fato importante, que tem muita prevalência - é a idéia dos mercados. Eu falei nas idéias, agora tenho que falar nos mercados. A globalização financeira é algo que vinha sendo razoavelmente bem sucedido e tem sua origem numa ação de desrespeito às convenções. Quando os Estados Unidos rompem Breton Woods em 1971 e dizem que, a partir de agora, o dólar não tem a sua conversibilidade assegurada, iniciam um processo de colocação perante o mundo de que seu poder de emitir e de comprar é universal e não merece contestações.

Essa globalização financeira avança enquanto existe uma colagem entre a relação financeira e a relação produtiva, mas essa colagem foi progressivamente sendo desgastada nos últimos vinte anos, o que elevou muito a volatilidade do mercado financeiro internacional e o chamado risco sistêmico. Quer dizer, estamos nos defrontando, hoje, com um sistema financeiro profundamente ameaçado. O padrão dólar está profundamente ameaçado e o Breton Woods, como uma instituição de organização das finanças mundiais, está profundamente ameaçado, o que não elide o fato de que a globalização financeira avançou muito.

Criou-se uma série de novos mercados - derivativos, opções etc; dia e noite se especula no mundo. Tudo isso é verdade, mas é importante entender que tudo isso foi feito às custas de um aumento enorme do risco sistêmico e da volatilidade dos mercados. Sobre a parte da globalização econômica, eu tenho sérias dúvidas quanto a esse discurso quando começo a olhar as estatísticas. O que verifico é que há uma progressiva polarização econômica, tecnológica, financeira, em torno de três núcleos. Quer dizer, hoje, a União Européia, o que eu chamo de Complexo Asiático - que foi o Japão e já não é mais só o Japão - e os Estados Unidos da América.

Se vocês virem as relações de comércio internacional, como elas vêm evoluindo nos últimos trinta anos, como vêm evoluindo a número de concessão de patentes para inovações, como vem evoluindo o número de transações financeiras etc, vocês vão ver que, crescentemente, esses três núcleos vêm ganhando passagem nesses espaços, em detrimento do resto do mundo.

Quer dizer, há uma concentração comercial, tecnológica e financeira em torno desses três pólos, o que demonstra que não há uma globalização em curso e, sim, uma polarização econômica. Isso é importante de ser colocado, porque vocês podem entender a dificuldade que o processo vem atravessando.

É bom entender que essa mundialização teve um processo muito mais florescente e rico no final do séc XIX e início do séc. XX. Quer dizer, naquela época havia transação completa de capital, de tecnologia e de pessoas. O fator trabalho transitava. Era a época das grandes imigrações, da *Belle Époque*. Isso tudo ruiu, porque houve uma reação, na Primeira Guerra, a esse processo. Quer dizer, é preciso entender que a Primeira Guerra e sua continuação, a Segunda Grande Guerra, são um processo de contestação à mundialização que vinha em curso, como o que estamos assistindo agora - de outra forma que depois podemos comentar. Mas, na verdade, a violência está associada ao processo de mundialização, desde seu nascedouro. Não é à toa que Vasco da Gama manda bombardear Calicut durante quinze dias porque, para vencer determinados processos, a mundialização fez uso da violência.

Bom, agora queria falar um pouquinho sobre o discurso da

globalização.

(LENDO)

### "GLOBALIZAÇÃO: O DISCURSO

Visto o fato da mundialização, vamos ao discurso da globalização, que é, explicitamente, como já foi dito, um discurso de dominação e objetiva, exclusivamente, apresentar o espaço como algo único e passível de uniformização. Assim sendo, o discurso da globalização busca, simplesmente, dominar os mercados e as culturas, pela idéia do espaço único e, não mais, ligar diferentes espaços em busca da integração de mercados e de culturas".

(INTERROMPE A LEITURA)

Porque a visão anglo-saxã era diferente da visão portuguesa. Isso é outra coisa fundamental. Os portugueses procuravam integrar os mercados, ligá-los, os diferentes espaços, benfeitorias, etc., mas os anglo-saxões têm a idéia do espaço único. Não existem diferenças dentro do espaço.

(LENDO)

"O que se vê hoje é, portanto, uma ideologia, a chamada globalização, revestida num único discurso. A atenção é toda dada ao espaço, como se a outra variável determinante no processo de avanço da civilização, o tempo, perdesse todo seu sentido. Este fato ainda é uma resultante da concepção filosófica trazida ao pensamento dominante, pela ruptura da quebra do conceito de simultaneidade, provocada pela teoria da relatividade. Como a velocidade tem um limite, o espaço é superior e delimitador do tempo. Para a dominação se exercer de forma plena, basta o domínio do espaço, até mesmo o espaço da civilização, como pretende o discurso da globalização. Parecem esquecer que o tempo é a variável última da desordem natural; esquecer a luta eterna do homem pelo controle do tempo. E é aí que a globalização falha e falhará.

Entretanto, o discurso da globalização vale-se da mediação da informação e a informação a serviço do centro tornou-se claramente um instrumento do discurso da globalização, portanto,

de dominação. É assaz ingênuo insistir em que as antigas relações de dominação desapareceram. Elas apenas assumiram outras formas mais programadas e sofisticadas, mas se explicitam, claramente, no discurso da globalização.

Detrás deste discurso da globalização caminha uma ação que coloca que a produção tem que ser imediatamente consumo e o consumo tem que ser imediatamente produção. Uma ação que se vale claramente dos meios de comunicação, para organizar a sociedade, tanto para produzir quanto para consumir bens materiais, cada vez mais distanciados das necessidades humanas básicas (comer, dormir, vestir-se) e cada vez mais carregados de valores simbólicos, transformados em necessidades indispensáveis à vida social dita moderna. Este tem sido o espírito último da dita sociedade da informação companheira permanente do discurso da globalização.

Dentro do discurso da globalização, aumenta a divisão entre os ricos, informados, e os pobres, não informados – nacional e internacionalmente. Subinformação: este pode ser o novo nome para o subdesenvolvimento nesta nova etapa histórica da evolução da humanidade. Informação é poder. Informação econômica é poder econômico. Informação tem valor econômico, e a habilidade para estocar e processar certos tipos de dados pode dar a um país vantagens econômicas e políticas sobre outros países. A circulação da informação no mundo faz-se em sentido único, como uma corrente de notícias, dados, mensagens, programas e produtos culturais que vai quase exclusivamente dos países grandes para os pequenos, dos que detêm o poder e os meios tecnológicos para os que estão privados deles, dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento e, no plano nacional, do centro do poder para baixo.

O discurso de globalização acompanha o fluxo de dados e de informação em sentido único, o que vem potencializando, em dimensões extraordinárias os processos de desqualificação dos novos periféricos, com a tentativa de supressão de suas expressões culturais".

"...Cabe explicar como se dá a dominação no discurso da globalização. A ação se dá no sentido de caracterizar a prevalência do consumidor sobre o cidadão. Um sistema político democrático não é o mesmo que um sistema econômico orientado pelo mercado. Um consumidor não é o mesmo que um cidadão. O objetivo do discurso da globalização é a criação do consumidor ideal.

Busca-se, em paralelo, o conjunto ideal de símbolos, de temas, de mitos, e de estilos que formarão os arquétipos e os estereótipos que ditarão a moda. Há uma clara tentativa de transferir costumes dos dominantes para os dominados. Novos valores, novos símbolos, novos mitos, novos heróis. Dinossauros, tartarugas-ninjas e cavaleiros do apocalipse têm de Ter curso universal. É fundamental substituir o sonho da periferia pelas imagens do fantástico. O discurso, ao criar imagens, alavanca, contudo, a globalização – uma falsa mundialização.

As transnacionais apoiam o discurso e financiam a propaganda e publicidade, alimentando os recursos para a dominação da mídia. Desejam a destruição do contraditório. Impõem pelo capital a ditadura de opinião e, o que é mais grave, coonestam a falta de espaço para a criação cultural alternativa no espaço dominado. Formulam a pesquisa de opinião como um instrumento de ética e justiça. Transformam a opinião média como padrão de cultura. Desejam o mundo diferente, desde que seja igual e passível de dar escala máxima à sua produção uniformizada.

O discurso da globalização realiza, a exemplo do centro, o maior dos esforços no espaço universitário. No fundo de tudo, dentro do discurso da globalização se busca criar uma relação

entre o papel de uma cultura, a norte-americana e a posição particular de poder que a nação a que pertence essa cultura ocupa no cenário mundial. Há um perigo enorme nesse discurso da globalização. É o perigo do que nomeamos de monotonia cultural. A total predominância de um tipo de viver a vida, que é o norte-americano, ou de uniformização do mundo, segundo um padrão, também, norte-americano, parece repetir, em escala muito maior, o nefasto excesso de império praticado, há um século, pelos ingleses e de tão tristes conseqüências. É, portanto, extremamente relevante não só impor o contraditório no meio universitário, mas o controle do processo de informação para se fugir ao discurso da globalização.

Ainda hoje, a identidade nacional conta com um passado comum como forma de criar solidariedade, a identidade global não tem quaisquer lembranças para convocar a consciência formadora de um grupo. Não existe identidade global. Para se romper com esta questão e com outras seja, o resultado da interação física do corpo humano com a natureza e que é, na verdade, o que consideramos como a primeira mediação.

Desde que o homem se libertou, por alguns momentos, da sua luta implacável pela própria sobrevivência, do trabalho necessário para continuar vivendo, questões centrais de sua existência, digamos primeiras, a ele se colocaram: qual a origem de tudo e de sua existência? Quem conduz o processo, o homem ou a natureza?

Questões que ainda permanecem, e que, permanecendo, mantêm aberto aos homens o caminho da filosofia. Desde o início deste questionamento, a primeira destas questões teve no Absoluto uma explicação dogmática, o que fortalecia a Segunda destas questões, pois transferia para o homem ou para a natureza, para um ou para o outro, a representação desse Absoluto. A partir de então, duas correntes se formaram: a dos que viam nos homens, ou no homem, o representante do Absoluto na condução do processo e a outra, daqueles que viam a natureza com esta função.

Ainda é pelo Absoluto que se dá a primeira tentativa de iteração filosófica, que é a idéia trazida pela visão cristã de mundo, da igualdade de todos os homens perante a Deus. Antes da vinda de Cristo, os homens eram, irremediavelmente, divididos. Exemplos claros, deste posicionamento, eram as atitudes, tanto dos hebreus, que se colocavam como povo eleito, como dos gregos, que não viam nos estrangeiros senão b[arbaros, melhor dizendo, não homens, e que na "pólis" grega só poderia ter lugar subjugados, como escravos. A visão cristã de mundo criava a unidade horizontal dos homens, ao colocar a igualdade de todos os homens vivos perante ao Absoluto.

O Renascimento, a época dos descobrimentos, do início da mundialização, trouxe consigo várias modificações na estruturação das questões primitivas e também alterou o modo de mediar, admitindo a ciência como uma nova forma de mediação e, portanto, de cooptação pelo homem da natureza. Sofisticava-se, também, no renascimento a dualidade posta entre o homem e a natureza, colocando-a, naquela época, como uma questão transfigurada: a dos que creditavam à ordem racional a condução do processo, como vimos anteriormente, e a daqueles que a creditavam à lei natural.

A ordem racional resultava da elaboração cionstrutiva do que aqui nomeamos de matemáticos filósofos, indivíduos que lidando com a ordem na sua forma mais lógica, a ordem numérica, verificaram que o niverso, a natureza, era uma desordem, e onde o homem, conduzindo a marcha do processo de civilização, impunha, progressivamente, a sua ordem. Destes, alguns merecem destaque. O primeiro que destacamos é Descartes, que foi o primeiro pensador a organizar explicitamente a que lhe cercam, para realizar a verdadeira mundialização se faz

necessário qualificações especiais, que só o Brasil possui, como veremos adiante, talvez, pela posição ímpar de herdeiro direto daqueles que a iniciaram".

(Interrompendo a leitura)

Só nós somos um povo tolerante, mestiço, sincrético. Só nós temos a capacidade de conduzir esse processo ao seu término, e isso precisa ficar claro. Só nós somos aqueles capazes de conduzir o processo iniciado por nossos ancestrais portugueses.

Fiz uma exposição na Universidade do Porto, este ano, sobre Mundialização e o Mundo Luso. Fica claro que só os portugueses, pelas suas características históricas de povo miscigenado e ocupado milhares de vezes, é povo que tem a capacidade de entender o outro e construir o processo da mundialização.

Dessa análise – termino por aqui - resultam quatro grandes observações. Depois, na fase dos debates, estou disposto a discutir as questões conjunturais.

(Lendo)

"A mundialização não afetou relações primitivas. As relações centro e periferia continuam existindo e não houve mudanças nos paradigmas".

(Interrompendo a leitura)

Na verdade, os paradigmas centrais que comandam o mundo, hoje, são os que surgem há trezentos anos, da Revolução Francesa e da Revolução Inglesa. A maneira de agir sofreu uma profunda mudança, na Inglaterra, com a revolução industrial. Na maneira de pensar, o Estado sofreu uma mudança profunda, também, com a Revolução Francesa, no final do século XVIII. Dessas duas rupturas surgiram os grandes paradigmas que comandam o mundo, até hoje. Toda sociedade quer ser uma sociedade industrial, e todo o Estado quer ser um Estado nacional moderno. Quer dizer, a base sobre a qual se busca o processo não mudou; nada mudou nos paradigmas centrais. Como disse a vocês, foram as formas das mediações que mudaram. Hoje, a informação é uma mediação.

(Continuando a leitura)

"Como vimos antes, no capítulo anterior, a solução das questões sociais passa pela sociedade industrial e, para isto, necessita-se da solidariedade nacional e do conceito de nação, algo que se representa sob a forma de um estado nacional moderno; e mais ainda, que cabe a esse estado prover essa sociedade de uma concepção estratégica e de vontade nacional.

"ii) - No campo filosófico e cultural se faz sentir recentemente a importância de uma nova mediação na cooptação da natureza pelo homem: a informação, e tanto essa forma de mediar como a ciência, tem sido cada vez mais utilizada como instrumento de dominação."

(Interrompendo a leitura)

Isso é outra coisa que devemos observar observar.

(Lendo)

"iii) O discurso de globalização é um discurso de dominação; e iv) Existe uma polarização econômica transfigurada de regionalização. O centro, hoje, exige escala e países pequenos, ou se unem em mercados maiores, em Megaestados, como é o caso da União Européia, ou estão fadados a se tornarem ou permanecerem periféricos."

(Conclui a leitura)

Era isso o que tinha a dizer no início de minha exposição aqui.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Passamos em seguida a ouvir a comunicação do Professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, do Instituto de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O SR. FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA – Boa- tarde. Quero agradecer muito o convite feito por esta Casa para conversar um pouco sobre o tema de nosso estudo e, particularmente, saudar a iniciativa como sendo extremamente criativa.

A idéia principal que procuro trazer para a exposição de hoje é de que, fundamentalmente, o entendimento da crise internacional que vivemos a partir do dia 11 de setembro deste ano tem raízes profundas para além de dois ou três fatos apontados normalmente.

E, em segundo lugar, a necessidade – e aí a perfeita concordância ainda uma vez com o Professor Darc – de que um país das dimensões do Brasil, da importância que o País tem no cenário mundial, importância que ele mesmo muitas vezes não sabe, ou pelo menos que seu pessoal dirigente não conhece, não pode se manter à margem de uma reflexão, e de uma reflexão densa sobre os últimos acontecimentos.

(O ORADOR FAZ UMA LEITURA)

Do outro lado da questão, o lado dos países africanos de onde partiram levadas de indivíduos tornados escravos. Não há uma divisão e nem o debate tem o mesmo aspecto: o pró-ocidental e anglófilo presidente de Uganda – Yoweri Museveni: ou o presidente de Ruanda, Paul Kagame – ele mesmo marcado pelo genocídio de 1999 - ou ainda o crítico e áspero presidente da nova União Sul-africana, Thabo Mbeki concordaram que os países ocidentais foram responsáveis por meio dos processos históricos denominados de imperialismo, colonialismo e neocolonialismo pela desigualdade e pela injustiça social contemporâneas – para além, é claro, dos processos genocidários tais como a escravidão e o tráfico negreiro – enquanto os novos países – de certa forma seus herdeiros, como o Brasil e os Estados Unidos – são, por sua vez, responsáveis pela permanência da injustiça. Desta forma Thabo Mbeki encerra sinteticamente todos esses elementos: ... falo, nestes termos, os quais alguns devem classificar como sendo muito severos e rudes, porque venho de um povo que conheceu a amarga experiência da escravidão, do colonialismo, do racismo. Este é um povo que sabe o significado de ser vítima de um racismo violento e da discriminação racial ... (1) Não satisfeitos em serem alvos das acusações africanas, os países membros da União Européia – os principais colonialistas, como ingleses, franceses, portugueses e belgas – recusaram-se a aceitar os termos em que foi colocado o debate.

Em um segundo momento, o Debate em Durban tornou-se ainda mais acirrado quanto o conjunto dos países islâmicos – impotentes em face à paralisia do processo de paz no Oriente Médio. Propuseram de forma veemente a condenação do Estado de Israel como racista e

exterminador da população palestina. Na veemência da condenação do Estado de Israel, e em especial do sionismo, para a proposta de estender o conceito de Holocausto – com letra minúscula agora – para o conjunto de genocídios modernos do Século XX – como praticados contra armênios, cambojanos, curdos ou ruandenses -, até para o tratamento dispensado pelo Estado de Israel aos palestinos nos territórios ocupados.

Armava-se, assim, em torno da própria denominação do Holocausto e do capital simbólico daí decorrente, um debate visando expropriar os judeus do principal instrumento de justificativa da criação e própria existência do Estado judaico e, de forma oposta e simétrica, trazer para a causa palestina o investimento prestigioso da vitimização coletiva e, desta forma, apressar o nascimento do Estado palestino.

É assim que o Secretário-geral da ONU, o negro e africano Kofi Annan – nitidamente pró-ocidental e cuja investidura fora imposta pelos Estados Unidos à Assembleia Geral das Nações Unidas – contra a continuidade do muçulmano egípcio Boutros Gahli – acaba por unir-se ao grupo pró-palestino: ... não podemos afirmar que os palestinos aceitem (o Holocausto) como uma razão para erros cometidos contra eles – deslocamentos, ocupação, bloqueio e agora, assassinatos extrajudiciais – serem ignorados

A reação da comunidade internacional – sob a liderança a hiperpotência americana – fortemente incomodada com a argumentação dos países africanos encontrou no ataque à Israel um motivo suficiente para reagir aos objetivos da Conferência de Durban.

Os Estados Unidos, seguindo recomendação direta do Secretário de Estado Colin Powell, e ao lado do Estado de Israel, retiraram-se da Conferência sob a alegação de que os termos do debate ofendiam aos judeus.

Mais uma vez, desde janeiro de 2001, quando George W. Bush assumira a presidência americana, a nova administração em Washington agia unilateralmente, desprezava os diversos fóruns ou *fora* internacionais como no debate da eliminação das armas automáticas leves, do controle das minas, do Protocolo de Kioto sobre meio ambiente, ou da necessidade de vitorias internacionais gerais sobre arsenais de armas químicas e biológicas. Todas essas eram posições negativas do Governo Bush.

(Lendo)

"E mostrava-se auto-suficiente e arrogante face aos demais parceiros da comunidade internacional. Perdia-se uma importante oportunidade para que os Estados Unidos explicassem à comunidade internacional, e em especial aos países islâmicos, a política externa americana, seus princípios e sua diferenciação face aos atos do atual governo conservador de Ariel Sharon em Israel.

Mais grave ainda, de pesadas consequências, ignoravam-se os pleitos de justiça e de reconhecimento de amplíssimos contingentes sociais e étnicos que – justa ou injustamente – sentiam-se (e sentem-se ainda e cada vez mais) humilhados e desprotegidos. Na verdade, a hiperpotência americana não percebia que a prosperidade, a riqueza e o poder sem paralelo alcançados pela América geravam inveja e rancor."

(Interrompe a leitura)

Particularmente, geravam inveja e rancor, quando ela se mantém - e se mantinha - absolutamente distante da situação de pobreza e de humilhação de outros povos.

E, bem mais do que isso, espalhava-se um sentimento difuso de raiva que envolve os excluídos, os pobres e os humilhados face ao desdém e descompromisso do mais forte e do mais rico.

(Lendo)

"De forma contraditória e insustentável a América exigiu seu reconhecimento como potência única e irresponsável e, ao mesmo tempo, negava-se a exercer globalmente esse mesmo poder para mediador de conflitos e minorar a condição de todos que se viam desesperançados. A América de W. Bush havia renunciado ao discurso humanitarista e intervencionista da Era Clinton, de forte conteúdo wilsoniano, em favor de um recolhimento orgulhoso e não-compassivo sobre si mesma.

O panorama mundial visto do alto da torre encerrava-se nos limites da ilha de Manhattan.

A história como arma – Na Conferência de Durban travou-se um debate áspero e equivocado sobre a história contemporânea, em especial sobre alguns dos maiores eventos do mundo contemporâneo."

(Interrompendo a leitura)

E face a face, a América e seus aliados, os novos países africanos e os países islâmicos não se entenderam. Conceitos-chaves como Imperialismo, Colonialismo, Escravidão e Holocausto tornaram-se moeda política nas relações internacionais.

(Lendo)

"Os povos da Ásia e da África, hoje emancipados da tutela colonial, perceberam com exatidão o uso admiravelmente bem administrado que o Estado de Israel fez do Holocausto para inscrever sua legitimidade e razão de ser em um dos acontecimentos capitais do Século XX. A pretensa continuidade do Estado de Israel com a Antiguidade histórica, das tribos do Templo até Bem Gurion, não se ajustava com perfeição ao mundo moderno e criava precedentes perigosos para a Europa com seus mapas mutantes e mesmo para os Estados Unidos (por exemplo, face aos mexicanos expropriados há tão pouco tempo de seus territórios. Assim, o Holocausto surgia como um elemento legitimante, incontestado, criando uma linha histórica marcada pelas Diáspora, os Pogroms, o Holocausto e a criação do Estado de Israel. Uma máxima de Bem Gurion mostrava-se então auto-elucidativa: Israel jamais confiaria a outro a proteção de seu próprio povo.

Ora, desfeitos os sonhos generosos e ingênuos dos anos 60, os novos países africanos e asiáticos, entenderam perfeitamente o seu verdadeiro papel na Nova Ordem Mundial anunciada pelo presidente George Bush, em 1991. Assolados pelas guerras civis, pela dívida externa montante, pela corrupção generalizada, pela fome e pelas epidemias-monstro, viam-se relegados à margem da história, da riqueza mundial e devastados pela ação exploradora das grandes companhias multinacionais. Com certo viés perverso, viam-se abandonados à intransigência e à indiferença dos organismos financeiros mundiais, presenteados com pequenos perdões de dívidas a cada reunião do G-7 e acusados peremptoriamente de responsáveis – por incompetência – de seus próprios males.

Ora, a Conferência de Durban mostrava-se, inicialmente, um palco privilegiado para que a história restaurasse seu espaço, transferindo-se a culpa pelo atraso e a miséria para os países colonialistas, explicitando uma história de sujeição e dominação só muito recentemente

interrompida (as independências dos anos sessenta e setenta) e, assim mesmo, no mais das vezes seguida pela reinvenção (agora com um prefixo 'neo') do colonialismo. Os regimes Mobutu, Idi Amim, Bokassa, Ojukwu Gowon, etc. teriam sua origem direta nos interesses econômicos das potências ocidentais, que impuseram aos povos africanos, por exemplo, décadas de dominação e exploração. Negava-se assim a incompetência africana, o atraso asiático ou a preguiça latino-americana como os avatares explicativos da história. Em especial os povos africanos viam-se indignados em face do discurso europeu e americano sobre o tribalismo e a denominação de *étnicos* conflitos como os do Congo-Kinshasa, da Argélia ou do Sudão. O jogo de interesses do imperialismo francês, belga, português, britânico ou americano não poderia ser absolvido das mortes e da miséria na África, transpondo-se a culpa para os próprios africanos.

Um exemplo desse procedimento foi a petição dos representantes do povo herero, da Namíbia, em junho de 2001, feita em um tribunal de Washington, em busca de desculpas formais e indenização em razão do genocídio de 65 mil de seu povo, entre 1904 e 1915, pelo *Deutsche Bank* e o *Disconto-Gesellschaft* (ambos grandes bancos alemães), beneficiários diretos do colonialismo alemão no sudoeste africano.

Foi nesse sentido que se baseou na história contemporânea a exigência de desculpas pelo imperialismo, o colonialismo e a escravidão. Exigência negada pelos Estados Unidos e pela União Européia; desculpas que seriam a base legal, histórica e, acima de tudo, moral para a recusa em pagar uma dívida externa que já fora paga em vidas humanas roubadas pela escravidão ou recursos materiais arrancados pelo imperialismo e colonialismo.

Tais desculpas históricas haviam sido dadas pela Alemanha ao estado de Israel e à Polônia, e pelas companhias industriais e bancárias alemãs ao povo judeu aprisionado e morto nos campos de extermínio do Holocausto. Desculpas estas que tornaram-se a base de largas indenizações mediadas pelos ricos escritórios de advocacia de Nova Iorque.

Assim, o Holocausto - e suas conseqüências políticas, financeiras e mesmo morais - surgia como paradigma legitimador da condição de estado moderno para inúmeros povos por todo o mundo. Fica evidente quando a comunidade negra mundial assume a expressão *Diáspora Negra* para dar conta da invasão ocidental da África".

O que a conferência de Durban negou foi legitimar para dezenas de povos da Ásia e da África a possibilidade de construir uma pré-história legitimadora do tempo presente assentada num trauma-fundador, o *nosso* - deles, de cada um deles - *holocausto* (agora multiplicado na história com letra minúscula). As potências ocidentais, lideradas pelos Estados Unidos e Israel, guardaram ciosamente a particularidade do Holocausto, ao mesmo tempo que declaravam a conta da escravidão e do colonialismo como definitivamente vencidas.

Travou-se ali, em torno da história e sua interpretação, uma batalha de identidade, onde alguns países exigiam o reconhecimento de sua identidade a partir de um trauma (a escravidão, o colonialismo, etc.) capaz de justificar a constituição da entidade política soberana, tal como os países americanos construíram sua identidade pela negação da antiga metrópole, acusada de todos os males, bem como o estado de Israel pela negativa de abrir mão de sua segurança. Assim, a história do tempo presente aparecia como seqüestrada, negada para muitos - africanos e asiáticos - como fonte de identidade e base de construção de um *eu nacional coletivo*, aglutinador e solidário.

O risco não poderia ser maior e mais profundo. Superada a *era das ideologias* - do socialismo, do nacionalismo identificador, da negritude e do terceiro-mundismo - iniciava-se

o esforço de construção do *eu nacional coletivo* para inúmeros estados literalmente em sua segunda independência – Congo pós-Mobutu; Filipinas pós-Marcos; Indonésia pós-Suharto; Uganda pós-Idi Amin, etc. -, o que implicava numa reinvenção eficaz do estado nacional soberano, de seu papel e limites em face das suas populações necessitadas. Ora, tal trabalho de reinvenção dá-se num contexto absolutamente adverso, marcado pelas exigências da mundialização, da eliminação do *big state*, do endividamento externo e das pressões desnacionalizadoras. Incompetentes ou impotentes para justificar-se perante seus próprios povos, recusada uma base histórica explicativa, tais estados vêm-se frente ao vazio e seus cidadãos em face da total desesperança.

A questão da identidade, da construção do espaço social e político do próprio *eu* – e agora do *eu individual* – em sociedades em que os anteparos sociais do estado-tutor ou estado-gerente foram abolidos, torna-se obsedante, com total recusa a tudo que aparece como dissolvente, cosmopolita, universalista. A tradição montada sobre um passado mítico ou mesmo desconhecido é erguida em razão única, capaz de dar sentido ao vazio de identidade vivido por cada um. O fim do socialismo burocrático e autoritário, por exemplo, em países como a Iugoslávia ou o Afeganistão, o desaparecimento de uma elite burocrática iluminista e autoritária abre caminho para a restauração da tradição centrada na raça, na religião, na terra ou língua, num *revival* arqueológico de tudo que aglutina o grupo e, portanto, constrói a diferença entre o *eu* e o *outro*. Tal reinvenção do *eu coletivo* – nacional, religioso ou racial – torna-se particularmente explosiva quando o *outro* é, além de rico e poderoso, intervencionista e negligente frente às necessidades e aspirações de cada um destes povos. O ressentimento, a raiva e a indignação passam, então, a mediar as relações entre este *eu coletivo* e o *outro adverso*.

A valorização e hierarquização moral das diferenças entre o *eu coletivo* e o *outro adverso*, num plano, bem como o abandono do *outro* à sua própria sorte, como se fosse o único responsável pelo destino comum, num outro plano, imposto por um mundo cada vez mais globalizado – traço marcante da Nova Ordem Mundial -, trará conseqüências calamitosas para todos. De tais conseqüências, 11 de setembro é, sem dúvida alguma, um ponto de galvanização.

Talvez o maior de todos os equívocos, e ao mesmo tempo sua melhor exemplificação, seja o debate atual em torno do Holocausto, sua natureza e sua extensão conceitual. Discutir seu caráter único ou múltiplo na história tornou-se a chave de entendimento de inúmeras posições teóricas e políticas, como veremos."

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Prof. Luiz Carlos Fridman) – Quero dar um aviso: a partir de terça-feira, dia 30.10.01, as palestras e debates, desta tarde, estarão disponíveis no *site* da Assembléia, [WWW.ALERJ.RJ.GOV.BR](http://WWW.ALERJ.RJ.GOV.BR). Gostaria de adicionar que, neste mesmo *site* da ALERJ, as conferências anteriores e boa parte dos debates anteriores também estão à disposição.

Passa-se, agora, a receber as perguntas do Plenário.

Faço uma pergunta provocadora aos dois conferencistas. Depois, o Deputado Carlos Minc também fará uma pergunta aos conferencistas, e a Mesa recebe as questões do Plenário.

Ouvi, com atenção, as duas exposições dos Professores Darc e Francisco Carlos. Acredito que seja absolutamente apropriado e quase impecável a explanação histórica que os dois

professores fizeram sobre as origens da desigualdade, da dominação, do abandono e da humilhação dos povos que se estendem à contemporaneidade. E na explanação dos dois professores o papel central da superpotência, hoje, é muito acentuado como indispensavelmente deveria ser.

A minha pergunta, para apimentar a nossa discussão e para provocar mais confusão, é a seguinte: perante essas condições históricas institucionais contemporâneas e perante a resposta do que a gente poderia chamar do déficit simbólico e identitário dos povos condenados à sua própria sorte, como se fossem responsáveis pelas suas próprias desgraças, se expande uma resposta, que é, digamos, ética, étnica e religiosa a que se dá o nome de fundamentalismo. Por isso estou falando que é muito genérico, porque a questão é muito complexa, com muitas nuances, particularidades históricas, etc. E a impressão que me dá e que queria provocar vocês é que o fundamentalismo tem no seu interior o sonho de uma comunidade ilusória ou de uma proteção ordeira e harmônica dos seus componentes. Essa idéia vê o outro sempre como ameaça. A mim me parece que o desenvolvimento da história humana na contemporaneidade fez desaparecer essa idéia de um mundo para sempre ordeiro, de um mundo para sempre harmônico, onde será possível, lembrando o Prof. Darc, uma espécie de homogeneização em torno do absoluto. A mim me parece que essas condições históricas cessaram de existir e não são capazes mais de harmonizar os homens entre si, entre tantas e flagrantes diferenças.

A idéia de um mundo para sempre ordeiro é básica em qualquer fundamentalismo – e não precisa ser só o fundamentalismo islâmico, existem fundamentalistas de seitas religiosas americanas que são absolutamente alucinados.

Um exemplo do fundamentalismo recente e moderno dos Estados Unidos é o fato de certas seitas religiosas proibirem o ensino da teoria de Darwin nas escolas secundárias – o que é uma evidente regressão histórica.

Minha pergunta é sobre este assunto: conhecemos os malefícios e a importância decisiva da superpotência sobre a humilhação, o desamparo e a desarticulação institucional de vastas regiões do mundo. A resposta que vem, sob a base fundamentalista e, por isso, carregada de intolerância, não aumenta os perigos quanto à convivência pacífica dos povos e o valor básico da tolerância e do respeito à diferença? Estamos entre dois focos muito desagradáveis: um são os malefícios históricos já perpetrados pelo que podemos chamar de colonialismo, imperialismo ou a supremacia da grande potência; o outro é a resposta dos desamparados, que também pode acarretar inúmeros perigos para a convivência pacífica da tolerância e das diferenças entre os povos.

Passo a palavra ao Sr. Deputado Carlos Minc para fazer sua pergunta.

O SR. CARLOS MINC – O conteúdo de meu pronunciamento segue bem a linha do pensamento do Sr. Luiz Carlos Fridman, o que facilita a resposta conjunta por parte de nossos conferencistas, Profs. Darc Costa e Francisco Carlos Teixeira da Silva .

Os avanços da democracia, da civilização e da questão cultural vão no sentido de maior diversidade, maior tolerância; maior conhecimento da natureza, da ecologia, da diversidade humana e do respeito. Neste Parlamento – que já foi sede do Congresso Nacional e onde foi proclamada a Constituição da República – aprovamos recentemente, em aguçados debates, várias leis contra o preconceito, a intolerância e o racismo. Por exemplo: aprovamos uma lei que cria o Centro de Referência Contra o Racismo e o Anti-semitismo e outra que proíbe discriminação contra a opção sexual de cada indivíduo. Criamos uma lei pelo desarmamento,

onde há várias restrições à venda indiscriminada de armas de fogo e uma campanha em conjunto com o Viva Rio e o Governo do Estado. No entanto, essa lei ainda encontra sérias resistências por parte daqueles que seguem a ideologia americana do "Clube do Rifle", onde liberdade é entrar em uma loja, comprar um AR-15 e, depois, ir a uma escola ou a um local de trabalho qualquer e eliminar quem estiver pela frente.

A cada dia que passa convenço-me de que eram ingênuos os que achavam que não havia diferença em optar entre Bush e Al Gore: já está provado que não são a mesma coisa. É só nos lembrarmos do acordo de Kioto – "tanto mais vale a economia americana do que a saúde do planeta"; da não-assinatura de acordos sobre minas, armas químicas, discriminação da mulher e sobre os menores; da questão de Durban, na África do Sul... Isso não se dá só pelo fato de se pensar em uma potência única, mas por ser uma potência única com esse governo eleito – que, no meu modo de ver, é um retrocesso que aguça e acirra situações como a que estamos discutindo no quadro da geopolítica. Por outro lado, quem, em tese, simpaticamente aos olhos dos humanistas e pacifistas, se opõe a essa força tão grande, representa uma das coisas mais atrasadas que existem na face da Terra. Dentre elas, uma forma humilhante de tratar a mulher, uma forma de tratar opções sexuais não padronizadas como algo que mereça a morte e por aí vai. Experimentamos um retrocesso mais forte dentro da nação e no sentido de uma legitimação. Milhões de mulçumanos sentem-se ofendidos e agredidos por essa situação, sem contar que, neste lado da balança, não estamos falando da guerra de libertação do Vietnam; estamos falando de algo que carrega em si, conceitos, idéias, filosofias que, às vezes, representam o atraso do atraso.

Eis minha pergunta: de que forma a própria questão política e cultural nos Estados Unidos e nos países asiáticos, africanos, mulçumanos, etc, não irão, nos próximos anos, ter a possibilidade de uma chave diferente dessa? Confesso que, num quadro como o assunto está embasado agora, sou um radical otimista. Sinto-me perplexo e vejo que nada de muito bom virá desse conflito. Seguramente, quem lucrará com ele serão as indústrias armamentistas, porque haverá mais restrições à mobilidade das pessoas, às liberdades individuais.

As leis que foram aprovadas nos últimos dias na França e nos Estados Unidos quebram coisas essenciais para esses países, como por exemplo, a preservação da intimidade, das garantias e direitos individuais e coletivos. Confesso que fico muito assustado porque, de certa forma, isso representa uma vitória dos fundamentalistas, ou seja, uma vitória antes do embate e antes da carta com o antraz. É quando a democracia é minada em seu interior, com toda a sua debilidade.

Dentro desse quadro nada otimista mas não desesperador, os senhores, como especialistas em história, em estratégia, em visão planetária, têm idéia de onde surgirá uma luz que não seja por um lado, prepotente, hegemônico, de massacrar o outro que, por outro lado também, possui dentro de si tantos atrasos e preconceitos em questões que nada dignificam a cultura e as liberdades? Como sair desse imbróglio? Em quais condições poderemos visualizar algum acúmulo que enfrente essa dicotomia nada gratificante?

O SR PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman)- Solicito aos senhores que desenvolvam seus comentários, enquanto faço a seleção de perguntas que já chegaram à Mesa.

O SR FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA- Evidentemente, as duas indagações encaixam-se perfeitamente; não são propriamente indagações.

Em primeiro lugar, direcionando-me ao professor Luiz Carlos Fridman, fica claro que estamos mexendo num jogo perigoso e jogando-o numa escala planetária que é uma

apropriação e uma expropriação seguida e constante da história e o que se faz com essa história como um elemento de justificativa da política, às vezes num sentido mais radical possível. Sem dúvida alguma, entendo que o ocidente, se é que posso chamar os Estados Unidos e essa parte do mundo exclusivamente de ocidente, já tiveram uma compreensão tardia, equivocada e que espero agora possam despertar para uma outra percepção do papel de milhares e milhares de pessoas que não estão inseridas nesse conjunto que Darc classificou de anglo-saxões e que vivem nesse caldo cultural anglo-saxão.

Por outro lado, é muito claro que países islâmicos, para dizer o mínimo, não entenderam o papel que fenômenos históricos como o holocausto simbolizaram e simbolizam, não exclusivamente para Israel, mas para o ocidente como trauma da própria cultura do ocidente, acontecido e realizado no coração da civilização ocidental

A tentativa de transformar o Holocausto em moeda política nesse jogo é uma total incompreensão de países que não participaram – não participaram enquanto atores principais – desse processo histórico e das suas conseqüências, do caráter absolutamente irreduzível e único do Holocausto. Então, na verdade, estávamos perante duas tradições que não conseguiam, minimamente, conversar entre si naquele momento e isso ajudado por uma posição de arrogância e unilateralidade. Parece-me que é esse um ponto em direção ao que o Professor Fridman falou.

Em relação ao Sr. Deputado Carlos Minc, que é um geógrafo da origem - da geografia humana - e daí ele evoluiu para a ecologia. Evoluiu no sentido de mais trabalho - geografia não tem que evoluir para ecologia. Acabou tendo toda essa dimensão humana como sendo a principal, no seu trabalho.

Temos que dizer, claramente, e principalmente, que esses grupos radicalizados, fundamentalistas – o Fridman já assinalou que o fundamentalismo não é sinônimo de islamismo – eles acontecem exatamente naquele espaço onde o estado tutor gestor foi desmontado, demolido e onde não há nenhum espaço de construção de um projeto coletivo de futuro. Podemos não gostar ou gostar, por exemplo, do projeto nacional chinês hoje. Mas hoje o chinês tem orgulho do seu projeto e criou condições de se entender com esse projeto. Lembremos as comemorações pela re-incorporação de Hong-Kong, Macau, etc. Podemos ter críticas imensas sobre as condições sociais indianas. Mas a Índia, que tinha sido anunciada como um fracasso colossal, sobrevive há mais de cinquenta anos como a maior democracia multipartidária e parlamentar do planeta, criando uma identidade e incorporando elementos fantásticos ao seu projeto nacional. Japão nem precisa de comentários.

O que aconteceu com esse imenso espaço que vai do Atlântico, da Maurítânia, até os confins do Himalaia, que é o espaço islâmico? Toda tentativa de construção da modernidade nesse espaço islâmico foi inteiramente fadada ao fracasso e um fracasso que não é apenas o fracasso assinalado das causas internas. Lembremos que os mais importantes regimes considerados inimigos do Ocidente e contra os quais o Ocidente guerreou, por exemplo o nacionalismo de Gamal Abdel Nasser no Egito, atacado por uma coligação ocidental era laico, moderno, modernizante e tinha como inimigo a fraternidade islâmica fundamentalista. A partir da destruição da própria modernidade islâmica, não restou hoje praticamente nada, não se tem um espaço de modernidade, há uma reação. Isso não está escrito no Islamismo.

Escrevi quarenta e sete páginas e li aqui sete, isso é coisa de historiador. Tem uma passagem que vou me dar o direito de ler, é uma citação do Livro 2, versículo 59 do Corão - é uma passagem em que o profeta estava retornando de uma guerra, uma luta contra uma tribo rival - que diz o seguinte:

(Lendo)

"Depois disso, os fiéis, mulçumanos, judeus e os cristãos e quaisquer outros que creiam em Deus e tenham feito o bem, todos receberão, no dia do julgamento, a recompensa do Altíssimo. O castigo não descera sobre judeu, cristão ou persa, já que todos estão irmanados no Altíssimo".

Essa é uma passagem fundamental onde nada se escreve, num voto atávico, sobre a guerra santa ou qualquer coisa nesse sentido. Agora o vazio identitário, esse sim, é extremamente dramático

O SR. DARC COSTA Quanto às perguntas que nos foram feitas, uma delas diz respeito à harmonização do mundo. O que é preciso entendermos é que evoluímos muito desde as hordas selvagens até hoje e a base de tudo isso é a estruturação dos pactos, que têm em sua posição mais avançada a idéia do Estado Nacional. Este nada mais é do que o resultado de pactos silenciosos que se foram fazendo ao longo do tempo; o pacto se materializa na idéia do Estado, que tem por trás de si uma série de delegações pactuadas. Sobre isso vai uma teoria a respeito da qual não cabe falar agora, mas o que é importante que se compreenda é que há uma evolução na maneira do homem ver o mundo.

Há dois momentos de interação muito grande: o momento da chamada interação horizontal e o da chamada interação vertical.

Antes da chegada de Cristo, os homens estavam irremediavelmente separados. Os gregos olhavam os bárbaros não como homens; diziam: como é possível pombos viverem no ninho de águias, a não ser como escravos? Como os bárbaros poderiam viver na *polis* grega, a não ser como escravos? Os próprios judeus afirmavam ser o povo eleito; logo, os outros povos não teriam possibilidades de chegar junto a Deus.

Cristo traz uma mensagem fundamental: todos são iguais perante Deus, o que é uma ruptura e faz a integração horizontal do gênero. Para Deus, para Cristo dizia São Paulo em uma de suas Epístolas, aos Coríntios não existe diferença entre ricos e pobres; gentios ou não gentios. Todos são iguais perante Deus; escravos ou senhores. Todos são iguais perante Deus.

Essa é a grande força da mensagem cristã: a idéia da igualdade horizontal do gênero.

O Renascimento traz, com o antropocentrismo, uma outra idéia; a idéia, tão bem expressa em *Pascal*, ao dizer que todos os homens, ao longo de todos os séculos, são um homem só, que subsiste e aprende sempre. Existe, por trás da idéia de Pascal, a idéia da unidade vertical do gênero. Nós não temos responsabilidade somente para com aqueles que vivenciam a nossa vida, mas também para com aqueles que nos antecederam e para com aqueles que nos seguirão. Isso é fundamental, presente na ordenação do mundo.

O mundo evoluiu muito com relação ao que era há dois, três, quatro mil anos; e vai continuar evoluindo. Vocês devem ter notado que sou *Hegeliano*; acho que do choque das contradições nascem as sínteses que constroem o processo e aí o problema do tempo é central; o problema do tempo é fundamental. Quem opera com estratégia sabe que duas dialéticas centrais comandam qualquer processo - a relação dos meios, do fins e do espaço e do tempo. O tempo é uma coisa fundamental na existência humana e muito mal transada, na medida em traz dentro de si o discurso de sua própria destruição, como homem.

O tempo está sempre presente; tudo tem seu tempo, é o que diz a Bíblia: há um tempo de fazer a guerra, um tempo de fazer a paz; um tempo de plantar, um tempo de colher; um tempo de amar... Nisso tudo a idéia do tempo precisa estar presente. Não é o tempo hoje ainda de uma única pátria humana, mas é o que todos nós desejamos; é o tempo imaginado para o futuro, da construção de uma única pátria humana até presente no *Discurso da Paz Perpétua*, de *Ghandi* presente também em todo sonho ocidental.

Abordando a questão do tempo é preciso entender que o que vivemos hoje não é consequência do hoje, mas do ontem; se fizermos uma análise das causas remotas, lembraremos que o Islamismo é tolerante; os povos do Livro são respeitados. Essa questão precisa ser colocada, porque na verdade eles vêm no monoteísmo uma questão central. O que os diferencia dos outros é o fato de acreditarem que Maomé é o Profeta, e os outros não. Essa é a diferença. Na verdade, eles são tolerantes e aliás a ocupação árabe na Península Ibérica mostra isso, talvez não sejam mais, mas eram profundamente tolerantes.

Vamos apontar as causas remotas. A primeira delas é a incompatibilidade entre cristianismo, judaísmo e islamismo. Depois, temos a partilha do Império Otomano na I Guerra Mundial. Existe um livro muito interessante que trata sobre isso, de T. E. Lawrence, chamado "Os Sete Pilares da Sabedoria", no qual é mostrado claramente o processo. Enquanto os árabes se consideravam libertos, no final do livro, vendo o mulá fazendo orações num minarete em Damasco, ele escreve no livro: "Só eu sei o que eles terão pela frente. Não é nada do que eles estão imaginando." Os ingleses e os franceses já tinham feito a partilha do Império Otomano; eles não seriam libertos. Lutaram por uma causa que não conseguiram atingir. Então, essas frustrações também devem ser inseridas nesse processo; a Declaração de Balfour, quer dizer, a idéia da Constituição do Estado Israelense, uma discussão unilateral inglesa sem uma posição consensual; as migrações judaicas para a Palestina; a criação do Estado de Israel; o lobby judeu nos Estados Unidos da América; a guerra entre israelenses e árabes, todas são causas remotas desse processo.

Existem causas mais próximas: a guerra do Afeganistão é uma causa próxima. Não se espantem por saber que foram os americanos que treinaram os talibãs, com o apoio paquistanês, militarmente. A doutrinação mulçumana era toda paquistanesa, e financiada pela Arábia Saudita. A Arábia Saudita financiou 100 mil *mujahedins*. Muitos deles fizeram curso de doutorado na Alemanha, em Hamburgo, financiado pela Arábia Saudita. Aliás, as relações da Arábia Saudita com os americanos estão muito complicadas. Ninguém tem falado isso, mas estão muito complicadas.

Outra causa recente foi a guerra do Irã e Iraque; a guerra do Golfo Pérsico; a ocupação norte-americana nas bases da Arábia Saudita. É uma coisa meio complicada. Por que imaginem nós, daqui, olhando tropas iraquianas ocupando a Itália. Ficaríamos meio preocupados. Temos de nos posicionar sempre a partir da visão do outro. A questão é complexa. Os acordos de Camp David, Oslo, de White Plantation também podem ser arrolados como causas; o assassinato de Rabin. Tudo isso são causas pretéritas desse processo a que estamos assistindo - as Intifadas; a importância crescente da geopolítica do petróleo.

Há um artigo do "*Foreign Affairs*" que li, e o próprio Francisco Carlos comentou comigo, que mostra as descobertas do petróleo no Mar Cáspio e as suas implicações. É preciso entender os Estados Unidos, hoje: produzem menos de 50% do petróleo que consomem e têm reserva apenas para mais cinco anos, o que está levando, por exemplo, a discussão da utilização do petróleo do Alaska contra todo o discurso ecológico etc. etc. A geopolítica do petróleo tem peso nesse processo. É bom pensar nisso.

Outra questão diz respeito à globalização assimétrica, que mencionei antes - para uns tudo, para outros pouco. Todas essas são causas muito complexas, que levaram aos fatos que vocês conhecem: o atentado de 11 de setembro e a conseqüente condenação por parte da comunidade internacional. Tanto a OTAN quanto a OEA consideraram o ataque como uma agressão externa a um de seus países membros. Um fato sobre o qual nós, no Brasil, evocamos o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, o T.I.A.R. Uma semana antes, o Presidente Fox, do México, disse que era um Tratado completamente morto, e que o México estava se retirando. Uma semana antes do atentado na visita que ele estava fazendo aos Estados Unidos. Os Estados Unidos consideraram o ataque como um ato de guerra e, acompanhados pela Inglaterra, Canadá e Austrália - vejam bem, pelos anglo-saxões - lançaram uma campanha militar contra o terrorismo, voltada não só para o combate aos terroristas, mas também aos Estados Nacionais que lhes dão abrigo, dirigindo inicialmente, "inicialmente", as suas operações contra o regime dos talibãs, no Afeganistão. E agora, os Estados Unidos estão sofrendo um ataque biológico continuado sob a forma de postal - ataque postal - o que demonstra uma outra coisa muito complexa, sobre a qual vocês podem pensar: essa idéia da distribuição espacial da produção sofreu um choque violentíssimo, porque, se algo pode caminhar em carta, pode caminhar muito mais dentro de mercadorias que serão montadas dentro dos Estados Unidos, quer dizer, a idéia da autarquização voltou com força. Ninguém fala isso.

Bom, as conseqüências do que estamos assistindo? Já que estamos tratando dessa questão: primeiro, inicia-se um processo novo nas relações internacionais que se constituem num fenômeno sociológico e político, de um conflito assimétrico que opõe os Estados Unidos e os seus aliados às redes internacionais que incluem organizações, entidades e nações que fomentam atos terroristas.

Digo assimétrico e todo mundo imagina: não é assimétrico, porque, de um lado, temos lá o poder monstruoso, que é o norte-americano e do outro temos umas redes, grupos que se estruturam para combater esse império de força. Não é tão simples assim, não, porque os norte-americanos não têm alvo e os terroristas têm milhões de alvos. É assimétrico, também, por isso, porque, do outro lado, existe uma simetria, inclusive, comportamental, porque os Estados Unidos têm que obedecer: o indivíduo aos códigos penais e os Estados Unidos têm que obedecer, teoricamente, às convenções de guerra e às leis internacionais e o terrorista não tem que obedecer a nada. Existe uma assimetria em vários outros pontos.

Podia fazer uma longa descrição sobre o que é guerra assimétrica. Não cabe, aqui, falar sobre isso, mas é importante, porque se instalou esse conflito assimétrico. Na verdade, o conflito é assimétrico, porque é uma guerra irregular a nível mundial - não é mais num território como foi a Guerra do Vietnã, que era uma guerra irregular travada em território nacional, que era o Vietnã.

Uma outra coisa importante é que aumentou o grau de intranqüilidade coletiva pela percepção da impossibilidade atual de se prover segurança nos níveis desejáveis. Todo mundo sabe, hoje, que a segurança é uma coisa fundamental. A década de 90 era a década da economia. O Sr. Clinton se elegeu fazendo um discurso econômico e as crises que se sucedem - do México, da Ásia, da Rússia, do Brasil, etc - assumem permanentemente o comando da mídia, etc. Isso acabou, porque hoje o mundo vai ficar discutindo a questão da segurança. Estamos vivendo uma época nova.

Outra coisa, modificou-se a natureza do fenômeno terrorismo, que, antes, era um fenômeno de natureza tática; agora, é um fenômeno de natureza estratégica, escalou.

Para vocês entenderem terrorismo, simplificando, aqui : tática, ação ou procedimento que você adota durante as suas operações de combate. A estratégia é uma coisa que você faz antes, planeja antes de combater. Estou tentando dar uma explicação muito singela a uma questão que é mais complexa.

Explicita-se a fraqueza decorrente da estrutura atual de segurança e defesa de todos os países do mundo, tanto para prevenir ações terroristas como para combater, para reagir a elas. Demonstra-se a necessidade de se proverem meios novos para se atacar essa nova ameaça, pela explicitação de processos novos, multidisciplinares, envolvam todas as possibilidades do Estado das ações de inteligência e da cooperação internacional.

O terrorismo desses caras, se se quiser combater, não pode ser com ação unilateral. Isso acho outro erro. Isso tinha que ser combatido sob a égide da ONU, na minha opinião.

Uma outra questão que acho: coloca-se uma dicotomia que se expressa pela criação de uma tensão que opõe nível maior de segurança a um nível maior de liberdade. Esta questão é a mais séria desse processo, quer dizer, a idéia de liberdade versus segurança é uma idéia presente, mas implícita. Ela se explicitou. Se você quer ter mais segurança, você perde liberdade. Isso é uma coisa difícil de se entender, porque a idéia da liberdade domina o pensamento ocidental, mas é uma coisa que precisa ... costume dizer que a liberdade havia cansado em boa história e acabou sendo alcançada.

Agora, quais são as outras conseqüências para os Estados Unidos? Queria, também, que vocês pensassem sobre isso. Primeiro, questionamentos na sociedade americana sobre seus valores tradicionais. Isso está cada vez mais explícito.

A segunda é a mudança em relação à questão palestina. A questão palestina mudou para os Estados Unidos, não é mesmo como era antes dos atentados. Essa é uma questão que deve ser pensada e refletida por todo mundo que olha a cena mundial. Uma outra questão de maior desenvoltura no comportamento internacional demonstrado por conduta predominantemente unilateral e uso circunstancial de mecanismos multilaterais. Tanto a OTAN como a ONU estão usando isso circunstancialmente. Mas eles adotaram um comportamento unilateral, uma questão que considero complicada e de conseqüências sérias. Outra questão são os problemas decorrentes de conflitos intensamente assimétricos e as dificuldades para a manutenção da conexão hegemônica, durabilidade, contaminação e incompatibilidade. Isso vai aparecer claramente porque, não se enganem, não é só os Estado Unidos que têm interesse no centro da Ásia em ser bem-sucedido. Não vejo grandes interesses da Rússia ou da China em que os Estados Unidos sejam bem-sucedidos no centro da Ásia. Quer dizer, isso é o que eu acho. É evidente que acredito nas minhas conjecturas, mas não sou dono da verdade. Sei que qualquer trabalho de previsão cria problemas. Essas concessões ostensivas feitas agora poderão gerar problemas graves no futuro. Na verdade, a Rússia entrou nesse processo porque tinha interesse em manter-se com as mãos livres na Chechênia. A China entrou nesse processo porque tinha interesses em manter-se com as mãos livre no Jin Jiang, assim como a Índia tem interesses em manter-se com as mãos livres na Cashmere. Não é nada feito sem interesses que, em determinada hora, acabam.

Vou concluir e dar as conseqüências gerais para resolver o segundo problema. Para os outros países, é preciso vocês entenderem o seguinte: as melhores condições para o prosseguimento da ampliação militar tanto do Japão como da União Européia. Eles ganham, agora, espaço e melhores condições para continuarem se ampliando militarmente - há muito tempo desejado por eles, Depois, maior desprezo pelo direito internacional. Isso é óbvio. O direito internacional não está nesse processo, um desprestígio ainda maior para as Nações Unidas.

Isso nós observamos. E, depois, terminada a intensificação de guerras reticulares. Uma outra questão é o problema da guerra cibernética, guerra biológica, que são guerras reticulares cuja discussão podemos fazer mais tarde.

Desculpem-me por ter me excedido no tempo. Obrigado pela atenção. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Luis Carlos Fridman) - Para efeito de organização dos nossos trabalhos, segundo experiências anteriores, organizo as perguntas em blocos e dou uma titulação genérica para efeito de compreensão, a fim de que os conferencistas respondam. Leio as perguntas rapidamente, porque muitas delas abordam assuntos semelhantes ao conexo. Peço o mínimo de paciência ao Plenário e aos conferencistas. Mas isso acaba sendo mais produtivo do que se lesse cada uma delas e solicitasse respostas para cada uma.

Vou ler dois blocos de perguntas para serem respondidas pelos conferencistas, de forma que nossos trabalhos sejam mais eficientes. O primeiro bloco de perguntas seria relativo ao que poderíamos chamar, genericamente, de globalização e desigualdade ou globalização e dominação, contido em várias perguntas, tais como as que se seguem. Passo a lê-las:

De Natália Karakas, do Departamento de Depósito Público do Rio de Janeiro.

(Lendo)

"Sabemos que a globalização nada mais é do que uma americanização mundial, perdendo as características de cada povo. Como retroceder se devemos aos EUA uma quantia astronômica e assim estamos nas mãos deles querendo ou não. Qual é a saída? Como vencer esse impasse?"

(Conclui a leitura)

De Roberto Brito, da Secretaria de Estado de Fazenda.

(Lendo)

"José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, ao lançar seu romance "A cverna", em Luanda, Angola, declarou: "47% da riqueza mundial estão em mãos de 247 empresas, daí a crescente exclusão social". Diante dessa premissa, pergunto: A intolerância das grandes potências para com o resto do mundo não decorre de que os governos de tais ações, que sediam essas mega-empresas são guiados pelos interesses dessas 247 empresas? Se assim for, como alterar semelhante situação?"

(Conclui a leitura)

Uma pergunta muito semelhante à anterior.

Para Francisco Carlos, de Ana Teixeira, funcionária pública:

(Lendo)

"A globalização é um todo liberal que incomoda ou o que incomoda – principalmente à esquerda – são apenas algumas características liberais nela?" (Conclui a leitura)

Gilson, da FAFERJ

: (Lendo)

"Se é a favor da globalização." (Interrompe a leitura) Não entendi. E (Lendo) "No mundo atual, o Brasil, não adotando uma política de globalização, irá sobreviver economicamente? Por quanto tempo?" (Conclui a leitura)

De Washington Andrei, da Prefeitura de Tanguá:

(Lendo)

"De que forma a globalização pretende criar consumidores ideais sem montar uma reforma nas estruturas e bases de um sistema que despreza os pobres? Ou será que a globalização não abrange as classes menos privilegiadas? Como globalizar sem dar educação e cultura aos pobres?" (Interrompe a leitura)

A impressão que tenho é a de que as perguntas são muito semelhantes.

(Lendo)

"Como fazer com que esses mesmos pobres aprendam a ler e escrever passando fome? Como concentrar-se numa leitura com os filhos chorando com a barriga vazia? Como a globalização pretende, em território interiorano, criar empregos para pessoas que nem mesmo o próprio nome sabem escrever?" (Conclui a leitura)

De Ataíde Beck, da Fundação Teatro Municipal e da ADESG:

(Lendo)

"Como conviver pacificamente com uma nação que sabidamente quer nos apunhalar pelas costas?" (Conclui a leitura)

Esse é o primeiro bloco que, acho, tem temas conexos. Resolvi agrupá-los para efeito de uma resposta ampla e que aborde os vários aspectos.

O SR. DARC COSTA – Vai ler o outro bloco agora?

O SR. PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Prefere responder?

O SR. DARC COSTA – Melhor, senão esquecemos.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Então, vamos ao primeiro bloco: a globalização, desigualdade e dominação.

O SR. DARC COSTA – Vou começar respondendo. Rapidamente, lembrando da última pergunta, sobre a "punhalada pelas costas".

Precisamos entender o seguinte: um estado nacional, um país, não tem amigos; um país tem interesses. Esse negócio de amigo... Como já disseram, nenhum estado nacional se move pela amizade, move-se pelos interesses que os outros estados podem lhe trazer. E nenhuma aliança é permanente, todas são transitórias. "Punhalada pelas costas" é coisa que Brutus deu em César. Não há isso em relações internacionais. Relações internacionais são relações de poder e de interesse. Entendendo isto, as coisas ficam mais claras.

Bom, a questão da globalização e da dívida. Essa é mais complexa e decorre de uma natureza subalterna das relações financeiras mundiais e das posições que essas relações estabelecem entre centro e periferia. Isso é uma ação que necessita de projeto. Conheço estados que não pagaram suas dívidas, inclusive os Estados Unidos e a Inglaterra. Mas não entrarei nessa discussão aqui. Problema de dívida é um problema de situação conjuntural. Não é, nunca, um problema estrutural. Aliás, quem está devendo muito pode ter certeza de que há um momento em que aquele que emprestou o dinheiro não vai dormir, e que você vai conseguir dormir. É aquele momento em que você pega o telefone e diz para ele: "Não vou mais pagar". Ele não dorme mais e você passa a dormir.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Exatamente. Isso é um velho ensinamento humano.

O SR. DARC COSTA – Então, precisamos entender que toda dívida é conjuntural, não estrutural. Você não nasce devendo nem morre devendo. Você pensa que nasce devendo e que morre devendo. Isso é uma outra questão, uma questão do mundo das idéias, não da realidade.

Preciso dizer também que tínhamos alternativa sim. Tínhamos um projeto nacional razoavelmente bem-sucedido, que nos colocou numa posição em que no século XX éramos o país que mais havia crescido no mundo em decorrência disso. Uns chamam de "Era Vargas", e dizem que ela acabou. Mas foi a Era Vargas – com Vargas, sem Vargas e contra Vargas, que construíram o Brasil. Porque quando Vargas chegou ao Brasil, o Brasil era uma fazenda decadente de café, e se encontra diante de uma situação mundial catastrófica, que foi o *crash* de 29; parecida com a que nós vamos pegar, porque não vamos fugir disso, não. E, nesse momento, o Brasil vendia para o mundo inteiro uma "pós-sobremesa", que era o café. Porque o café nada mais é do que uma "pós-sobremesa". E o Brasil comprava tudo no mundo. Tudo. Tudo o Brasil importava. E o Brasil se defronta com a crise de 29, com aquela situação gravíssima: de não ter divisa para nada comprar, porque ninguém queria mais tomar café - o mundo estava à beira da fome, quanto mais tomar café, que é uma "pós-sobremesa".

Qual é o projeto que vem com Vargas? Industrialização: o motor do desenvolvimento, o "corolário" natural da industrialização, que era a urbanização. Porque viam que não era possível vencer o *gap* social no Brasil no campo - era muito mais caro. Então, a urbanização era uma coisa a ser perseguida, com a integração do território nacional, porque o Brasil era um arquipélago, voltado para fora, como havia sido construído, em termos econômicos. E, por trás de tudo isso, a idéia da intervenção estatal na economia, se cada um desses três pilares se viam ameaçados. E foi assim que o Brasil se constituiu, nos cinquenta anos que vão da Revolução de 1930 até 1980.

Havia um projeto. O Brasil tinha um projeto de nação. Depois perdeu. "Jogaram a criança com a água para fora da bacia" - um processo de democratização, porque puseram o projeto junto. O projeto não tinha nada a ver com isso, não é? Se o regime autoritário havia se apropriado do projeto, o projeto não tinha nada a ver com isso. Mas jogaram fora. E quais são as conseqüências disso? Faz vinte anos que o Brasil não cresce. Faz vinte anos que o Brasil está parado porque perdeu seu projeto.

Então, esse negócio de globalização aparece depois da queda do muro, porque na década de 80, na década perdida, não havia esse negócio, não é? Não havia esse negócio de globalização. Isso é da década desperdiçada, é da década de 90. Na década perdida não havia globalização. Mas, o que é que acontece com o Brasil? O Brasil voltou, retornou aos princípios liberais, ao discurso da velha República. Agora, a única diferença que vejo é que,

na velha República, aparecia alguém que fazia estradas, como fez Washington Luiz - hoje nem isso aparece.

Estou só querendo pegar umas coisas aqui para dizer que o discurso da globalização não é um imperativo. A China não entrou no discurso da globalização; a Índia muito menos; e a pequenina Malásia também não entrou no discurso da globalização. É preciso entender que o discurso da globalização tem um objetivo central no Brasil: transformar riqueza, dos ricos no Brasil, numa riqueza universal, porque ela estava contingenciada e passou a ser uma riqueza dolarizada no mundo. É isso. Esse é que é o problema.

Agora, como eles descobriram que o mundo é muito perigoso, que o mundo é difícil, que o mundo não é um pomar onde a gente sai catando frutas... Não é verdade isso? Nem vestido de pijama nem de baby-doll. O mundo é um negócio complicado. Aí eles recomeçaram a redescobrir o Brasil. Vão redescobrir o Brasil! Não tenha dúvida. Podem ter certeza que o Brasil vai ser redescoberto pelas suas elites. Eu não tenho dúvida. Eu não estou querendo aqui antecipar "coruja de Minerva", como dizia o Reagan: "Coruja de Minerva" só levanta seu vôo após o crepúsculo." Não, não vão fazer isso. Mas eu não tenho dúvida de que as circunstâncias mundiais vão redescobrir o Brasil. Até aquela moça que voltou de Miami e beijou o chão. Você viu aquela cena? É, redescobrem o Brasil. Porque o Brasil é um país diferente. E é um País muito interessante. E o povo brasileiro é muito mais interessante do que a elite imagina, porque sobrevive a isso. Não é verdade ?

Então, o que acho que é fundamental entender-se é o seguinte: a globalização não é um determinismo: não é obrigado, ninguém, a encaixar na globalização. Encaixa aqueles que acham que vão levar vantagem; como desencaixam aqueles que acham que estão perdendo com ela. Não é? É isso. Não tenho dúvida: vão desencaixar porque descobriram que estão perdendo muito com ela. Começaram a descobrir.

Eu me lembro que fui do BNDES: eu era chefe da consultoria do Dílson Funaro - vou contar essa história e termino aqui. E o Dílson, quando ia ser ministro, ele tinha que fazer uma palestra em Belo Horizonte. Eu tinha preparado a palestra. Ele falou: "vai você fazer a palestra." E eu marquei o que eu dizia no início da palestra. Dizia o seguinte ,era sobre a questão da privatização, já vendia o discurso da privatização, Banco Mundial. Ele dizia o seguinte: " estatização e privatização são ondas que vão e voltam na economia mundial."

Não tenho dúvida de que o Brasil vai recuperar seu projeto, porque ele vai voltar com uma onda avassaladora.

É isso, desse acidente você achar que globalização é determinante, etc. Por isso, tentei responder o que entendi das muitas perguntas que foram feitas.

Passo a palavra ao Francisco Carlos.

O SR FRANCISCO CARLOS – Serei rápido. Acho que, quando muitas vezes falamos em globalização - e o esforço todo do Darc aqui foi diferenciar esse processo - não podemos tomar o processo como um todo. Nem um todo histórico, do Vasco da Gama até agora; nem um todo em termos de diversos procedimentos que vão das idéias aos homens, às mercadorias, aos capitais, etc. Evidentemente, se um processo de globalização deveria ser praticado, deveria ser no seu conjunto. Toda a falha está em que, na verdade, se globaliza em capitais em todos os sentidos. Mercadorias, no sentido vertical norte-sul. E força de trabalho nunca. Então, a globalização tem patamares diferentes nesse sentido.

Ninguém pode ser contra o fato de se entrar na Internet e conectar dois pesquisadores; por exemplo, na busca da cura do câncer ou da AIDS, na Suécia ou no Brasil, e trocarem informações na velocidade em que se faz, tirando daí todas as possibilidades de economia, de duplicidade de investimentos, de tempo, etc..

Qualquer um de nós, muito mais simplesmente, eu ou o Fridman, poderemos entrar e pesquisar na Biblioteca do Congresso americano daqui do Rio de Janeiro ou na ALERJ, agora com esses textos que estão aí.

Isso é maravilhoso! Isso é maravilhoso e ninguém pode ser contra isso. Cada vez mais somos cidadãos do mundo. Interessa-me e me preocupa o que se passa em qualquer parte do mundo. E eu quero ser participante disso. Não há como se ser contra a globalização. É contra o quê? É contra o que está se passando em determinado patamar dessa globalização em relação a um país como o nosso. E isso é responsabilidade das pessoas que dirigem o processo aqui entre nós. Como o Darc bem lembrou, nada impõe que a China ou a Malásia, ou por exemplo a Arábia Saudita, aceitem a televisão americana em seu país, etc. e tal. Isso vem de acordos, das possibilidades que são feitas aí.

Na verdade, acho que essas questões têm que ser apresentadas às elites dirigentes do país. E também não creditar tudo a uma certa satanização dos Estados Unidos, país que foi fazer o que interessa a ele. O Darc falou. Vamos deixar ele fazer sempre o que interessa a ele; então o problema é nosso. Não é dos Estados Unidos.

O SR PRESIDENTE (Luiz Carlos Fridman) – Mais um bloco de perguntas e, dessa vez, trata de mídia e de fundamentalismo. E como são blocos mais reduzidos de perguntas, eu me dou à liberdade de apresentá-los a vocês.

Primeiro, de Rodrigo Medeiros, do Centro Brasileiro de Estudos Latinos- Americanos:

(Lendo)

"Como os países da periferia do capitalismo podem tirar proveito do 11 de setembro? Seremos capazes de desconstruir o discurso dominante, apesar de sua circulação na mídia? Será que é possível pensar em um projeto nacional soberano?"

(Conclui a leitura)

Acho que os dois conferencistas já abordaram isso, de alguma maneira, mas a pergunta está refeita.

Para o Professor Darc Costa, de Lúcio Braga:

(Lendo)

1- "O monopólio do discurso já caracteriza por si só uma atitude violenta, a agência que monopoliza o discurso contemporâneo é a mídia. Há alguma forma de controle social da mídia? Qual seria?"

2 – "Sérgio Buarque de Holanda consagra em Raízes do Brasil a impossibilidade conjuntural do projeto ibérico. O senhor propõe um retorno a esse projeto, em que bases?"

(Conclui a leitura)

Outra pergunta, de Ricardo Soneto, do Departamento de Comunicação da ALERJ:

(Lendo)

"Como manter uma mente lúcida o suficiente para não ser absorvida por essa incessante metralhadora midiática. Como separar o qualitativo o qualitativo trigo do insuportável joio?"

(Conclui a leitura)

Aliás, eu li uma piada ótima e engraçada no jornal, ontem, que é função do jornalista separar o joio do trigo e publicar o joio. Eu ri muito.

O primeiro bloco de perguntas foi sobre mídia e discurso. No segundo bloco, temos fundamentalismo e questões estratégicas gerais. Então, vamos ao segundo bloco de perguntas.

A primeira pergunta é de Maria L:

(Lendo)

"Fundamentalismo islâmico é uma redundância. É só procurar saber o que está acontecendo com os recentes países islâmicos que se libertaram da União Soviética. A liberdade religiosa do islamismo só existe aqui no ocidente, onde há espaço para todas as religiões e seitas que se quiser fundar. A liberdade religiosa do islamismo e sua fraternidade com outras religiões só existem no Corão." (Conclui a leitura)

A pergunta é clara, direta e imperativa.

De Maurício Pinto, da Universidade Federal Fluminense, para o Professor Francisco Carlos Teixeira:

(lendo)

"Os atentados do dia 11 de setembro tem dado margem a diversas tentativas de explicação, seja pelo viés da radicalização de um processo de polarização político-econômica que se estendeu por todo o século XX, culminando numa sensação de tensão e incerteza no final deste, seja pelo viés da ruptura com um modelo de dominação ocidental que, de repente, viu-se na urgência de ser reconsiderado. Entre estas duas possibilidades, formulo a seguinte questão: assim como o consenso de Washington foi considerado o marco de uma nova ordem mundial, anunciando uma 'globalização' que veio ameaçar até mesmo a estabilidade de nações desenvolvidas, pode-se abordar os fatos dados em 11 de setembro como ponto de partida para um novo delineamento geopolítico, algo como uma nova ordem política mundial, uma 'outra ordem mundial'?"(Conclui a leitura)

Terceira pergunta, nesse sentido estratégico, de David dos Santos, da UFF: (Lendo)

"Sabemos que a opressão gerada por parte das políticas internacionais dos EUA é a principal causa do legado fundamentalista árabe. Nesse sentido, o descontentamento dos povos em ver suas causas e lutas tomando um caminho contrário aos seus interesses, como a manutenção de regimes monárquicos opulentos, corruptos ou totalitários, retira a possibilidade da via pacífica de resolução dos conflitos e retira, também, o poder e a liderança de seus principais representantes. Na verdade, é o que vemos atualmente com o avanço de grupos como o Hamas, FPLP, entre outros. Arafat não possui mais a liderança entre os palestinos e, no

entanto, a violência assustadora continua, toma formas cada vez mais fortes e se perpetua. Até quando? Qual será o desfecho?" (Conclui a leitura)

Não creio que nossos conferencistas tenham essa capacidade de previsão, mas eles podem dar boas indicações tendenciais do rumo dos acontecimentos. Depois, se houver tempo, lerei mais dois blocos de perguntas.

Passo a palavra aos conferencistas.

O SR. FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA – Primeiro, gostaria de dar uma explicação. O bom de se trabalhar com um estrategista é que todo o futuro a ele pertence. Os historiadores só fazem profecias sobre o que já aconteceu. Esse é um gênero delicioso. Chama-se profecia *pos factum*. A margem de erro é baixíssima. Não há problema, não colocamos o emprego em risco. Deixamos isso para os estrategistas. É um gênero delicioso. Peguem os livros de história e vejam como se usam tempos verbais de futuro para o que aconteceu mil anos atrás. Mas fazemos isso como uma garantia, além de dar um certo ar de Agatha Christie aos textos de história. Se falo isso na universidade, acabam comigo.

A primeira coisa, a questão da mídia. É claro que houve uma exacerbação da mídia. Lembrome muito bem de que no dia 11, logo que houve o primeiro ataque, com diferença de minutos da primeira para a segunda torre, um canal de televisão me ligou e pediu que eu acompanhasse. Colocou-me ao telefone, e eu não entendia por que tinha a impressão de que estava assistindo a um filme, desses 500 que a gente vê todos mês, onde tudo é parecido, onde Nova York já foi destruída algumas vezes, de "King Kong" a "Godzilla".

O SR. DARC COSTA – É muito difícil a gente achar que a vida pode imitar a arte. Isso chegou a ser vivido.

O SR. FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA – Levou três minutos para eu conseguir acreditar. Mas temos que pegar o outro lado. Quem perpetrou tais atos os fez com total conexão com aquilo que chamáramos "a sociedade do espetáculo". O negócio foi feito de tal forma que foi para ser imediatista. Como também agora a guerra bacteriológica está sendo profundamente imediatista. Você não está mandando carta com bactéria para o General Meyers, que comanda a operação americana. Você está mandando para astros, âncoras, companhias de mídia e coisas parecidas. Se de um lado a mídia assumiu um discurso do bem e do mal, por outro lado o mal também assumiu o discurso da mídia. Consegui fazer isso e é contra isso, contra a tentativa de opacidade que tem que se discutir. O risco é a opacidade.

Com relação à questão estratégica, há dois pontos. Tenho uma dúvida. Acho que os Estados Unidos estão operando. Não gostaria de afirmar como vítima o Estado de Israel. Isso é um erro, porque é uma entidade política soberana, e os estados têm interesses e os perseguem. É um equívoco confundir o estado de Israel com a população judaica mundial, como também é um erro colocar como vítima o estado de Israel. Parece-me cada vez mais estranho que o governo americano tenha mudado tão rapidamente sua posição em relação ao estado de Israel, e agora acuse-o de prejudicar a coalisão anti-terrorismo, e de que a origem do terrorismo, de Bin Laden, está nos pretensos maus tratos constantes do estado de Israel a palestinos.

Vejo uma confluência entre Bin Laden e Bush. Ambos estão dizendo a mesma coisa, surpreendentemente! Quando Bin Laden fez aquele vídeo e o exibiu dizendo que está defendendo os palestinos eu fiquei horrorizado, porque é o seqüestro da história. Imaginei como aquilo bateu na cabeça de Arafat, que tem uma vida inteira dedicada a isso; ele sim, gostamos mais ou menos da sua figura. E surge um arrivista como Bin Laden neste momento

para dizer que está defendendo o estado palestino. Vem o presidente dos Estados Unidos dizer que Israel prejudica a aliança, ou que pode levar ao aumento do terrorismo, ou que a culpa do terrorismo é do estado de Israel. Com isso, a América mais uma vez não tem culpa de nada. A política externa americana não causou nenhum dano e os interesses americanos da derrubada do regime democrático parlamentar de Mohamed Mossadegh, no Irã, em 1953, e a instalação de uma ditadura absolutista e corrupta, que só vai cair com a assunção dos Aiatolás, da política das companhias americanas de petróleo, do monopólio, da atuação americana em todo o Oriente Médio, das bases da Arábia Saudita, do bombardeio do Iraque, não se fala. Isso não causa mal estar. Só agora há a existência da política externa para o território ocupado por Israel. Parece-me uma coisa muito complicada, e os Estados Unidos saem mais uma vez isentos de qualquer coisa. Deveríamos refletir um pouco sobre isso.

A terceira: o General Powell declarou que agora é o ano zero de uma nova ordem mundial, desmentindo o pai do chefe dele, o Presidente Bush. Em virtude da Guerra do Golfo contra o Iraque há uma nova ordem mundial.

Então, de 1991 a 2001 seria o período de reorganização, um período de táticas e agora sim, ter-se-ia uma nova ordem mundial de todos os países bonzinhos contra os países maus, que apóiam o terrorismo. Esta seria a nova configuração, isso me parece muito precário e muito difícil de ser duradoura nesse sentido que se pode tentar colocar aqui.

Essa configuração é passageira, e parece-me insustentável durante largo tempo. Está claro que os dois aliados principais - Estados Unidos e Inglaterra - não concordam quanto à extensão das operações militares, quanto mais a Federação Russa, a República Popular da China, os Estados Unidos e a Inglaterra. Essa configuração me parece frágil neste momento. Acho que aos Estados Unidos interessa a idéia de que há uma configuração total em torno deles, num mundo que é mais ou menos aquele mundo cinza do filme "Matrix", ou o das cenas iniciais do "Exterminador do Futuro": há um inimigo contra a raça humana e os Estados Unidos com aquele papel de liderança mundial.

O SR DARC COSTA – Concordo com tudo o que ele expôs. Não acredito muito em cenários. É algo muito complexo, porque as coisas avançam em ruptura, nos saltos, e não em tendências.

(LENDO)

"Os atentados terroristas de 11 de setembro, nos Estados Unidos, um desafio claro contra a maior potência militar e econômica do Planeta, foram uma demonstração dramática do que Raimund Aaron décadas atrás, conceituando a realidade do mundo, identificou como aumento do poder com demolição de controle".

Aaron tratava naquela época da relação entre status, mas vimos agora, que o poder incontrolável pode estar concentrado também em grupos que se situam na periferia do mundo civilizado.

O conflito básico no mundo contemporâneo está transcendendo os espaços centrais e as fronteiras dos estados. Está caminhando dentro dos estados e por entre os estados.

Os ataques que mataram mais de cinco mil americanos nos atentados estão refazendo mapas geopolíticos do mundo em torno de nova aliança contra o terrorismo, algo que parecia completamente improvável antes de 11 de setembro.

Em troca do apoio da Rússia, da China e da Índia na guerra contra bin Laden, os três países contarão agora com a compreensão senão com o apoio explícito de Washington para agir contra membros das organizações extremistas muçulmanas na Chechênia e em outras.

Sobre a disputa entre a Índia e o Paquistão pela Cachemira, a campanha contra o terrorismo deve dificultar o apoio que Slamabadi vem concedendo há anos Al Qaeda, que é o movimento guerrilheiro islâmico, que atua do lado indiano. Além disso os refugiados do atual conflito do vizinho Afeganistão vão complicar ainda mais a situação econômica do Paquistão, que será pressionado a diminuir o seu crescente gasto com armamentos. Está surgindo uma nova era estratégica da política internacional.

Com o fim da guerra fria, o centro das atenções do mundo nos anos 90 era a economia. A década foi marcada pelo tema econômico, tanto da campanha do Bill Clinton com a incidência americana, como as crises financeiras do México, da Ásia, da Rússia, do Brasil.

No plano de sua política de segurança, os Estados Unidos deverão ir em frente com o seu projeto de escudos anti-mísseis. No entanto, o atual orçamento americano de defesa deverá ser revisto. Novos métodos de operação serão aplicados. A estratégia dos Estados Unidos de estar pronto para combater um conflito principal e um conflito secundário mudou e eles agora vão dar lugar à idéia de um longo conflito principal com múltiplas operações simultâneas. A instalação de bases no exterior vão perder muita importância para serviços de inteligência e vigilância e a Europa deixa de ser o centro das atenções da defesa norte-americana, que se voltará para a Ásia. Ao mesmo tempo, os russos terão pela frente novos horizontes diplomáticos. O Presidente Wladimir Putin terá mais força para negociar com Bush, em especial o sistema de escudos anti-mísseis projetado por Washington. Putin também terá cada vez mais voz nas negociações de expansão da OTAN e deve se aproximar mais a Aliança Militar do ocidente.

Além disso, a rígida posição Russa no conflito Chechênia contra separatistas muçulmanos, antes condenada sob o argumento dos direitos humanos, ganha agora credibilidade. O Governo Russo tem a chance de resolver o problema como quer, pela via militar. Da mesma forma, os guerrilheiros islâmicos que atuam na Ásia Central, o Movimento Islâmico do Czaquistão e o Movimento Islâmico da Turcmênia, até agora patrocinados pelos Talibans e por Osama bin Laden, devem se tornar vítimas dos direcionamentos das forças russas para a região. A antiga influência soviética na Ásia Central vai ser resolvida agora, de forma russa, por Putin, novamente com o apoio da China, que tem problemas separatistas como já foi mencionado. No Oriente Médio há um consenso internacional de que o conflito entre palestinos e israelenses precisa ser resolvido. Apesar de admitir que a vontade não garante solução, deverá haver muita pressão diplomática sobre os dois lados.

O mundo também estará de olho nos problemas separatistas indonésios e filipinos.

A Indonésia é a maior população muçulmana do mundo, organizada oficialmente. Em um Estado secular – e agora democrático – pode servir de modelo para os povos islâmicos.

Nas Filipinas, de maioria católica, o Governo terá de informar, com apoio internacional, os islâmicos separatistas do sul. A situação geopolítica mundial está sendo refeita pelo acontecimento de 11 de setembro, mas tudo indica que o que aí está não veio para ficar e que a volatilidade do quadro geopolítico mundial aumentou muito. As repercussões de uma escalada norte-americana pela escolha de seus próprios alvos são imprevisíveis. Qualquer acontecimento novo pode precipitar a situação geopolítica em outra direção de onde há mais risco de novos acontecimentos, sobressalta a já mencionada questão de Israel e da Palestina.

Mas há outras possibilidades, por exemplo, erupção de conflito aberto na Caxemira. Outro exemplo é a revolta das populações muçulmanas, que poderá também causar a queda do atual governo do Paquistão, e talvez conduza também à queda dos atuais governos do Egito e da Argélia, ambos tidos como pró-ocidentais. A dinastia da família real da Arábia Saudita também está profundamente ameaçada, já que suas relações com os Estados Unidos estão desmoronando sob a fachada de uma velha amizade. Os terroristas têm a vantagem de poder aplicar, com surpresa, o inusitado. Questiona-se a possibilidade deles já terem até artefatos nucleares.

A humanidade está na expectativa de saber quão longe irá a reação norte-americana, em curto prazo, mas a verdadeira questão para a história e para os planejadores de segurança e defesa é a reação do terror, em resposta à reação americana, no médio e longo prazos.

As possibilidades de desdobramento são muitas e as possibilidades de agravamento do quadro atual são enormes.

Para terminar, quero dizer aos senhores o seguinte: na era em que vivemos, parece tornar-se anacrônico e ininteligível o discurso de Klausevitch, segundo o qual "a guerra é a continuação da política por outros meios". (Conclui a leitura)

Depois do 11 de setembro, o mundo está compelido a entender que a política é que terá que converter-se na continuação da guerra, por outros meios. A questão prática que se coloca, imediatamente, é identificar quais seriam os agentes do entendimento e do novo pacto, nesta nova era após os atentados.

A primeira providência será resgatar o Estado nacional do limbo em que o neoliberalismo o colocou e transformá-lo naquilo que sempre foi, ou seja, o espaço dos pactos e da promoção da segurança e do desenvolvimento.

Muito obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Luis Carlos Fridman) – Como temos limitação de tempo - de dez a quinze minutos -, vou pedir as considerações finais, se assim o desejarem, dos conferencistas Darc Costa e Francisco Carlos Teixeira da Silva, não sem antes ler as perguntas que restaram, lidando com questões estratégica.

Peço, portanto, que façam as considerações finais, procurando incorporar elementos dessas perguntas. Assim, contemplaremos a todos em suas inquietações e dúvidas.

Iniciaremos as perguntas:

(LEND0)

"Sendo os Estados Unidos, Europa e complexo asiático participantes de uma polarização econômica, qual seria a situação do Brasil, em meio ao Mercosul, quando este for integrado à ALCA, com relação a todo o trânsito de informação e tecnologia proveniente dessa polarização e necessários para desenvolvimento de qualquer nação? A quebra dessa polarização seria realmente possível?" (Interrompendo a leitura)

Vou ler rápido, porque temos problema de tempo.

Andréia, das Faculdades Integradas ABEU:

(Lendo)

"Devido ao ocorrido nos Estados Unidos no dia 11 de setembro, a economia sofreu abalos. O que podemos esperar de mudanças preocupantes nessa globalização econômica? Como fica a relação global entre os países?" (Interrompendo a leitura)

De alguma maneira, nossos conferencistas já lidaram com a relação global.

Agora, uma pergunta muito grande, de Michael Karlin, do PROJETA - Cuidando do nosso Futuro.

Solicitei que as pessoas fizessem perguntas pequenas, mas esta foi grande.

(Lendo)

"No século XIX, Disraeli definiu a diplomacia como "A arte de dizer às pessoas o que não pode ser dito". (Interrompendo a leitura)

No fim do século XX, o embaixador dos EUA junto à OTAN definiu a diplomacia como "um jogo de perpetrar a ambigüidade de forma sólida e incontestável".

No início do século XXI, um estudante japonês definiu a diplomacia como sendo "A arte de dizer o que tem de ser dito de maneira franca, cortês e solidária".

Porém, a geopolítica internacional continua praticando o "jogo".

Qualquer empresa que deixa de ter integridade com os seus fornecedores, seus empregados e/ou seus clientes, irá à falência. Tanto a diplomacia quanto o modelo político precisam mudar urgentemente. Caso contrário, como sair do impasse geopolítico atual entre os países pobres e ricos e reverter o quadro em favor da erradicação da pobreza e da sustentabilidade, se na esfera política os países em desenvolvimento tentam constituir alianças internacionais, baseadas nas mesmas premissas e praxes da ambigüidade?

Neste momento, os países e povos pobres temos a oportunidade única para definir as novas linhas e divisórias entre o que é soberano e o que é coletivo. Somente assim pode se começar a recuperar a auto-estima tão abalada, a dignidade e, sobretudo, uma voz geopolítica com peso deliberativo nos afazeres da humanidade.

Não é bem uma pergunta, é uma consideração. Vocês podem incorporá-la nas considerações finais de vocês.

De Luciano Natalino, da Câmara de Vereadores do Município de Tanguá.

(Lendo)

"Na Europa, precisamente na Inglaterra, com Thatcher; na América do Norte (EUA), com Reagan; na América do Sul, vide Chile, com Pinochet, observam-se os primeiros passos do neo-liberalismo, combatendo o keynesianismo e substituindo políticas sociais de geração de empregos por políticas que nitidamente colocam as desigualdades sociais como fatores normais, dentro de um sistema de combate ao intervencionismo do Estado na economia.

Após estes poucos anos de mundo globalizado e neo-liberal, pergunto: há perspectivas reais de combate a esse modelo? Existe previsão concreta de uma possível derrocada do mesmo?" (Conclui a leitura)

De alguma maneira, nossos conferencistas já lidaram com isso, mas, de novo, está anotada a questão.

Por último, Elias Pereira de Lucena, engenheiro do Plano Estratégico da Cidade do Rio, da Prefeitura do Rio de Janeiro.

(Lendo)

"1ª) Por que nós, brasileiros, deixamos que a globalização (gerada pelo capitalismo internacional) acabe com o emprego de mão-de-obra nacional e gere o desemprego da nossa força de trabalho? Isso é tortura, crime hediondo! Não devemos permitir essa tortura! Isso é violência!.

2ª) Por que não evocamos o art. 23 da "Carta de Direitos do Homem" da ONU, em que todo ser humano tem direito ao trabalho, ao lazer, à saúde, à educação, etc. Onde estão nossos políticos e defensores? Temos 8.511.395 km<sup>2</sup> de área útil!

3ª) Por que deixamos que notícias internacionais, tais como "Proteja a Amazônia, queime um brasileiro"? Somos uma nação – fazemos parte da ONU! Querem a nossa Amazônia! Vamos lutar pelo nosso torrão! Não somos escravos dos EUA, nem da Inglaterra, nem de ninguém! Somos nação como um povo honrado e trabalhador".

(Conclui a leitura)

Também uma consideração que pode ser incorporada nas considerações finais. Portanto, solicito, tanto do Darc quando do Francisco Carlos, que façam considerações finais sintéticas e enérgicas, de forma que saíamos todos satisfeitos desse nosso debate que, antecipadamente, digo que foi bastante satisfatório.

Por favor, Francisco Carlos.

O SR FRANCISCO CARLOS – Como moderador é altamente exigente. Vamos lá.

Eu diria que todo esse bloco, muito bem organizado pelo Fridman, se volta para o papel do Brasil e da nossa situação no contexto da crise internacional. Acho que o Brasil tomou pouquíssimas medidas adequadas, a partir do 11 de setembro, algumas medidas equivocadas e algumas absolutamente indesejáveis. As indesejáveis foram a chuva de declarações das autoridades brasileiras, das mais variadas possíveis, desde o Presidente da República até ministros e presidentes de autarquias com projeção internacional, avaliando o episódio de uma forma em que não era adequado para um Estado nacional soberano, avaliando isso de um ponto de vista, talvez, da cidade de Nova York e não de um país da importância do Brasil. Solidariedade é uma coisa fundamental, não se tem nenhuma dúvida, mas os interesses do país têm que ser colocados e pensados com muita clareza, nesse sentido. Então, houve uma enxurrada de declarações apressadas e fora de contexto, erros, culminando, por exemplo, com erros da FUNASA, de identificação de bactérias, esse tipo de coisa, uma série de coisas absolutamente por demais apressadas e indesejáveis. Alguns equívocos, sem dúvida nenhuma, as tentativas de uma inserção muito rápida no contexto da crise, sem perceber que poderia se negociar e que há condições de negociação, a partir daí. Uma atitude, ao meu ver, acertada, do

Governo brasileiro, e que tem sido muito criticada – essa é a que tem sido mais criticada na imprensa, mesmo em alguns meios acadêmicos, e que me parece que foi a mais correta que o Governo brasileiro teve – foi a convocação da reunião da Organização dos Estados Americanos e a invocação por parte do Brasil, do TIAR – Tratado Interamericano de Assistência Recíproca. Por que foi acertado? Porque é um mecanismo de direito internacional, no qual se viu, pela primeira vez, desde o começo da crise, um representante, na verdade, um representante de alto nível, que foi o Secretário de Estado, sentado pedindo o apoio dos países latino-americanos, coisa que ele não fez na ONU e não fez na NATO, praticamente deslanchou de saída o que todo mundo deveria ter. Como o Governo brasileiro correu à frente, e disse que teria que se discutir na OEA e isso seria um caso para o TIAR, então, apareceu a convocação rápida e foi o único fórum internacional onde os Estados Unidos foi pedir ajuda e foi dizer que tinha um corpo de direito internacional que deveria ser invocado. Então, na verdade, não entramos no comportamento compulsivo, não aceitamos um alinhamento imediato, mas dentro de um tratado internacional em vigência. É verdade que ninguém mais achava que iria ser utilizado, como o Darc bem lembrou da falha do Presidente Fox, do México, que por sinal só faz isso desde que assumiu. Então, nessa ordem eu dirá que foi uma medida acertada seguida de medidas equivocadas e algumas outras absolutamente danosas. É o momento de se pensar nessa questão que, a meu ver, não está sendo pensada por haver uma falha importante no Itamarati, mas essa não é a primeira vez que isso se torna claro. O Itamarati tem uma política de um outro mundo, o mundo do grande jogo da política internacional, aquilo que na época de Bismarck se chamou de *grosse politique*, e a *grosse politique* não existe mais nesse sentido. É preciso se ter uma rapidez e talvez um pouco menos de delicadeza, um pouco menos de polidez ou "politesse" para fazer essa política internacional hoje. O Itamaraty às vezes é meio lento e as vezes a "politesse" é por demais forte nesse sentido.

Não deveríamos ter aceitado de maneira alguma a prisão de cidadãos brasileiros de origem árabe em Foz do Iguaçu e na fronteira, feita como foi feita e hoje comprovadamente sem nenhuma vinculação com o que aconteceu dia 11 de setembro.

Não deveríamos ter aceito a abertura do escritório da Inteligência Americana em São Paulo. A Inteligência Brasileira poderia ter sido acionada, ser melhorado o papel da ABIN, ser melhorado qualquer outro papel e, se os Estados Unidos precisavam disso, que fosse feito em nível de Estado para Estado, com a troca de informações.

Não se precisava ter aceito a delegação de *experts* da Inteligência Americana, investigando os aeroportos brasileiros. Isso pode ser feito por instituições brasileiras e ser feita a troca de informações.

Não era necessário que um Delegado de Polícia do Governo Estadual do Rio de Janeiro tivesse pedido ajuda a um governo estrangeiro para investigar um atentado a bomba cometido no Rio de Janeiro, se isso foi verdade; foi um ato absolutamente único na história das relações internacionais. Um delegado no Rio de Janeiro não tem qualquer autonomia para pedir a presença de técnicos americanos num local de um acontecimento desses recolhendo fragmentos de bomba. Recolher fragmentos de bomba, qualquer polícia brasileira pode fazer isso, a investigação pode ser feita pela divisão adequada da Polícia Civil, pode ser a P2, da PM, e depois, se necessário, trocar informações com órgãos estrangeiros. Então, esses atos são complicados e errôneos. São errôneos por não levarem em conta a idéia de um Estado Nacional soberano num momento de crise internacional.

(Palmas.)

O SR. DARC COSTA. – Eu queria encerrar, primeiro, agradecendo o honroso convite que me foi formulado, esta tarde tão agradável que passei aqui, das perguntas inteligentes que vocês formularam, das respostas inteligentes que meu companheiro de mesa deu. Mas quero dizer a vocês que é nesses momentos de crise internacional que a gente se encontra de novo com o Brasil que começamos a ver que o Brasil é uma coisa diferente, que o Brasil é um país diferente no contexto internacional e é uma coisa única, quer dizer, deve ser valorizado por suas características de coisa única, nesse espaço internacional.

Apesar de todos esses pequenos problemas, que a má gestão dos negócios públicos tem feito no Brasil, nos últimos anos, o Brasil é um país capaz de, efetivamente, construir uma ordem mundial. O Brasil tem essas características intrínsecas, porque temos dentro de nós as mágicas capazes de construir esse processo de mundialização.

Temos a mágica da antropofagia, na propriedade que temos de pegar tudo o que é dos outros e transformar e construir como se fosse nosso. Tenho um amigo, o professor Carlos Lessa, que trata isso, brilhantemente, sobre a forma gastronômica. Exemplifica na idéia do x-tudo, que é uma criação nacional, começa com o x-burguer e acaba com o x-tudo.

Quer dizer, coisas que o Brasil faz, como comida à quilo. Você vê um indivíduo colocando arroz, tutu, sashimi, macarrão e come tudo. Isso é a prova clara da antropofagia, que se explicita gastronomicamente. E fica bom. Um país que é antropofágico: pega tudo o que é dos outros e aceita e processa como se aquilo fosse seu.

Temos também outras propriedades e outras mágicas, como a idéia do passado comum. Em todos os lugares do mundo, o estrangeiro é discriminado, na China, nos Estados Unidos, em qualquer lugar. O único lugar onde o estrangeiro é incensado é o Brasil.

O angolano no Brasil é incensado. No Brasil o estrangeiro é incensado. Tenho um genro que é norueguês e mora no Brasil e é muito mais bem tratado do que eu, que sou daqui. Isso é coisa do Brasil.

Quero dizer que o Brasil é uma coisa diferente. É um país que tem essa propriedade de receber o que é de fora com carinho e inserir na sua própria cultura. Isso é uma propriedade fundamental para quem quer construir a mundialização.

O Brasil também é um país mestiço. Esse discurso do Brasil ser multirracial é errado e mentiroso. O Brasil é um país mestiço, que é uma coisa completamente diferente de multirracial. O Brasil é um país mestiço. A gente tem que assumir isso claramente.

É evidente que há discriminação racial no Brasil, mas é uma exceção, e não regra. Nos outros lugares é regra e não exceção. Estou querendo colocar isso para a gente entender que somos um país especial.

Outra mágica fundamental é a mágica do sincretismo: aceitamos todas as religiões. Quantos de nós não trafegam na vida por várias religiões? E como no Brasil se cultua a previsão do futuro! Como astrólogo e as jogadoras de tarô se dão bem aqui! Na verdade, é um país sincrético e místico. O Brasil tem essas características implícitas.

Além de tudo, somos um país dos trópicos onde a natureza, diferentemente do que dizem, é a mais agressiva. É muito mais difícil construir uma civilização nos trópicos do que nas zonas temperadas. Apesar de vivermos sobre um discurso contrário. Fala-se que nos trópicos o

mundo se constrói de forma clara, porque tudo está imposto e devemos ficar na lezeira, dedicando-nos ao lazer, porque vamos continuar sobrevivendo.

Meus amigos, o trópico é muito mais difícil de ser conquistado do que as zonas temperadas, porque a natureza é muito mais pujante e muito mais forte. É preciso que se entenda que, quem conseguir construir uma civilização nos trópicos, construirá o mundo. Aliás, o Gilberto Freire diz isso muito bem no seu último livro, *As Três Engenharias*, quando trata da construção da engenharia do mundo nos trópicos.

O mais importante nisso tudo é que somos tolerantes. Aquilo que o Sérgio Buarque de Holanda havia colocado como o "homem cordial" era uma visão pequena da coisa central do ser humano brasileiro. O brasileiro é tolerante com tudo o que é diferente, estranho, incomum e inusitado. Aliás, isso a gente vê no nosso dia-a-dia: como a população brasileira é tolerante.

Estamos construindo uma civilização e caminhando para levá-la à mundialização. São nas épocas de crise que o Brasil se redescobre. São momentos ímpares que temos aproveitar, porque esse futuro que estamos construindo é para aqueles que nos seguem, e não para nós, porque já passamos.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR PRESIDENTE ( Luiz Carlos Fridman) – Gostaria de passar a palavra ao Sr. Deputado Carlos Minc, para que faça uma consideração final aos conferencistas. E, antecipadamente, agradeço a todos os que estiveram aqui presentes, e enalteço a fertilidade do debate que presenciamos. Muito obrigado a todos. Passo a palavra ao Sr. Deputado Carlos Minc.

O SR. CARLOS MINC – Agradeço a presença de todos, aos nossos conferencistas, ao Professor Fridman, ao nosso pessoal de apoio, sempre muito solícito, da Presidência, da Taquigrafia e do Cerimonial.

Tenho estado presente em todos os debates, do início até o fim. Este foi o único em que precisei ficar indo e voltando. Felizmente, o outro assunto foi resolvido. Era uma questão complicada, tensa, mas foi resolvida com o Sr. Secretário de Saúde, a tal questão da regulamentação da acupuntura nos hospitais públicos.

Agradeço a todos, especialmente aos Professores Darc Costa e Francisco Carlos Teixeira da Silva, meu colega da UFRJ. Espero que debates como este nos ajudem a entender os tempos que correm e a preparar caminhos para uma intervenção mais consciente, para sociedades mais participativas, com menos violência, com menos preconceito e com mais capacidade de conviver com as diferenças.

Um grande abraço a todos.

Declaro encerrada a Sessão.